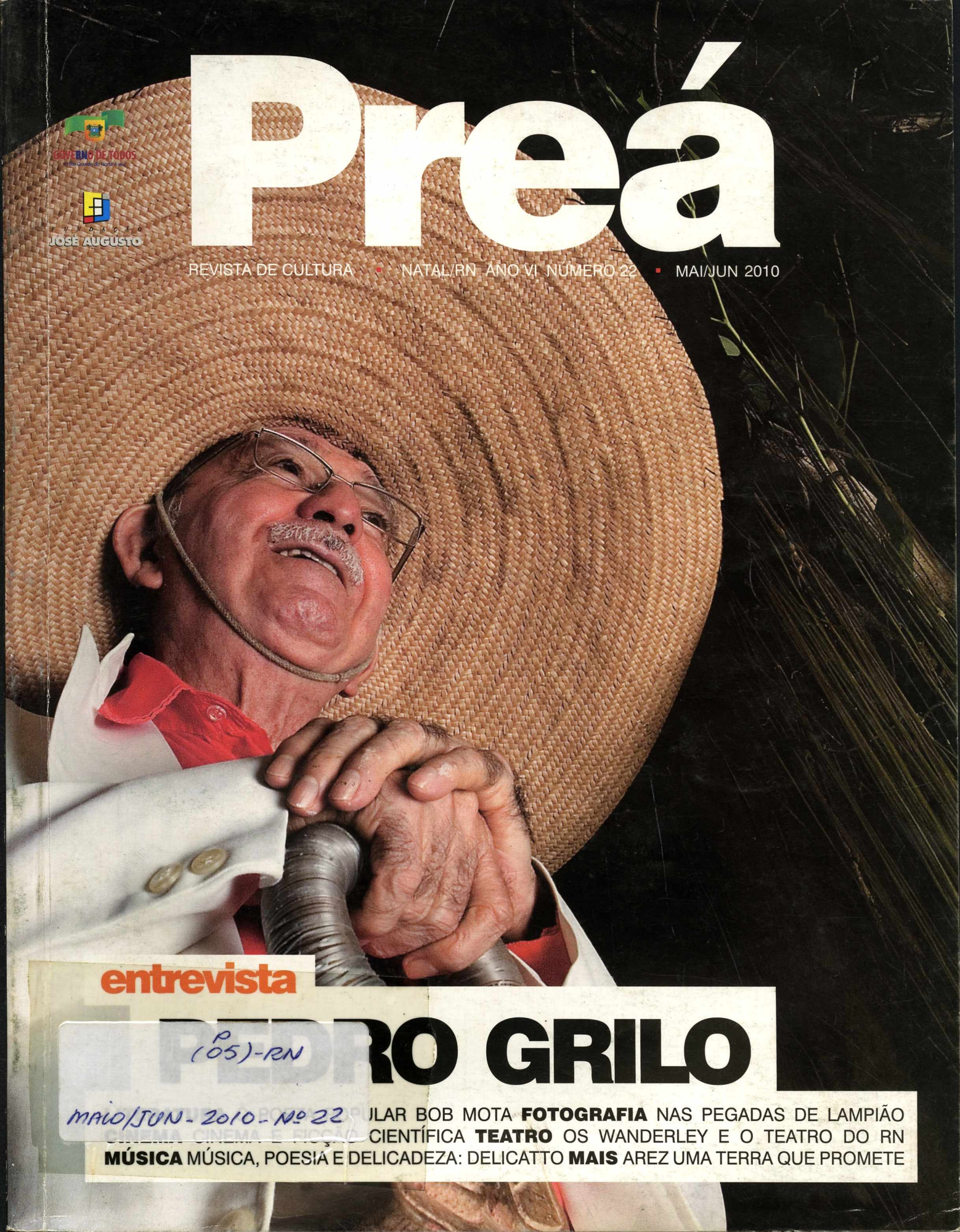
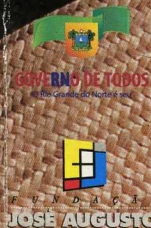


Preá

REVISTA DE CULTURA • NATAL/RN - ANO VI - NÚMERO 22 • MAI/JUN 2010



entrevista

^P
(05)-RN
PEDRO GRILO

MAIO/JUN - 2010 - Nº 22 • ILAR BOB MOTA **FOTOGRAFIA** NAS PEGADAS DE LAMPIÃO
CINEMA E PÍO • CIENTÍFICA **TEATRO** OS WANDERLEY E O TEATRO DO RN
MÚSICA MÚSICA, POESIA E DELICADEZA: DELICATTO **MAIS** AREZ UMA TERRA QUE PROMETE

TCP
TEATRO DE CULTURA POPULAR
CHICO DANIEL



CASA DA CULTURA POTIGUAR

RUA JUNDIAÍ, 641, TIROL – ANEXO – A FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
TELEFONE: 3232 5307

Editorial.



Razões diversas nos impediram de manter a tão sonhada regularidade da nossa Preá. E quando as águas parecem finalmente que vão abrandar, o destino me coloca mais um desafio profissional. Aqui estou, rumo a novos horizontes e tendo que deixar pra trás a editoria desta Revista que tanto me aproximou da cultura do nosso Estado. Eternizo aqui minha gratidão de ter tido a oportunidade de poder me deparar com tantos textos e imagens que se "candidatam" às páginas da nossa revista. Deixo também meu respeitoso agradecimento a todos que tão prontamente e cordialmente aceitaram meu pedido de colaboração. E como não poderia deixar de ser, agradeço à direção da FJA e a todos os meus colegas desta Instituição por me ajudarem a burilar minha alma cultural e a ter mais consciência do Rio Grande do Norte que vivo, não só geograficamente, mas principalmente, apaixonadamente. Em minha substituição virá o jornalista Carlos Barbosa, a quem acima de tudo, desejo menos – de preferência nenhum – entrave burocrático para que assim a Preá continue refletindo, através da arte, traços importantes da nossa essência potiguar. No mais, espero que curtam esta edição da Revista.

Vida longa à Preá!

Mary Land Brito



GOVERNO DE TODOS
O Rio Grande do Norte é seu



FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO

Governador

Iberê Paiva Ferreira de Souza

Diretor Geral

Crispiniano Neto
fjagabinete@rn.gov.br

Diretor Adjunto

Fábio H. Lima de Almeida
fabiolima@rn.gov.br

Preá

REVISTA DE CULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE | ANO 06 - Nº 22

Editora Mary Land Brito marybrito@rn.gov.br **Revisor** José Albano da Silveira **Foto Capa** Alex Fernandes **Projeto Gráfico e Design** Firenze Comunicação Estratégica **Projeto gráfico** Paulo Moreira **Assistência de arte** Roberto Luiz e Vitor Pimentel

Fundação José Augusto. Rua Jundiá, 641 – Tirol
CEP 59020 120 - (84) 3232 5304 - www.fja.rn.gov.br

Sumário.

Capa | Entrevista. Pedro Grilo

22.

Alex Fernandes



Literatura.

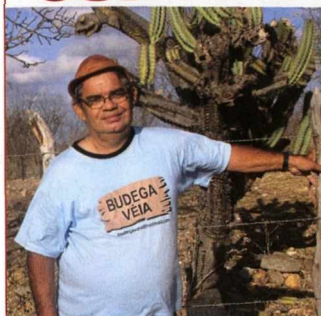
Artigo

O Poeta Popular

Bob Mota

José Augusto Costa Jr.

08.



Artes Visuais.

Fotografia

Nas pegadas
de Lampião

32.

Sua majestade, o pirão

Vicente Serejo

12

Vai, vai, vai começar a
brincadeira

Luiz Nepomuceno

16

Poesia

João Andrade

28

Crônica

Morre o Circo, Vai-se
uma infância

Norton Ferreira

30

Jean Lopes



Galeria

Victor Hugo Zamorra

38

Preá

22.

Audiovisual.

Cinema

Cinema e Ficção Científica

Nelson Marques

40.



Artes Cênicas.

Teatro

Os Wanderley e o Teatro do Rio Grande do Norte

Racine Santos

44

Música.

Rap potiguar

Juliana Manzano

48.



Música, poesia e delicadeza: Delicatto

Michelle Ferret

52

Mais...

Trabalhando pela cultura do bem

Flávio Rezende

58

Um jeito negro de ser

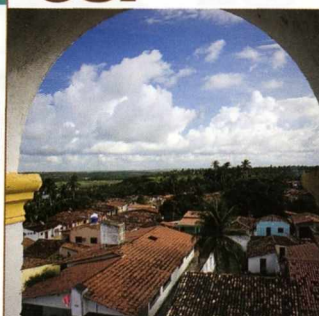
Camila Rodrigues

62

Arez a terra que promete

Silvio Santiago

68.



Alex Fernacides

Militana Salustino: a romancista do Brasil

Ledson França

88

Arte-poesia:

Yasmine Lemos e

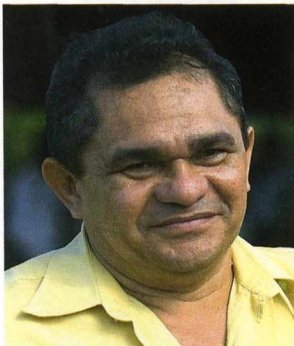
Venâncio Pinheiro

90

Seções

Editorial. 03

Crispiano Neto. 06



Preá de novo

Ufa! Finalmente a Preá volta a chover conhecimentos no chão da cultura potiguar, depois de uma longa e tenebrosa estiagem.

Críticas muito pesadas e dúvidas muito cheias de certezas, como sempre são as dos nossos críticos. Agüentamos o prego no olho e fomos trabalhar. Aliás, convencionou-se que liberdade de expressão virou privilégio de quem quer destruir reputações. As vítimas só têm direito as bordoadas. Como qualquer resposta escrita ou falada é vista como truculência, vamos continuar respondendo com trabalho, enquanto for possível. Deixemos de lado os desaforos. Vamos ao que interessa. Finalmente, depois de todos os percalços da burocracia e da “burrocracia” com o

tão elogiado quanto famigerado pregão eletrônico, aqui estamos. Basta dizer que numa das nossas licitações para a impressão da Revista Preá, tivemos como ganhadora uma gráfica de Maceió e na outra, uma de Fortaleza. Já não bastava uma máquina off-set que tivemos que comprar em Curitiba e que a assistência técnica é uma via-sacra internacional, pois o fabricante está do outro lado do mundo e a importadora fechou depois da venda e mais uma licitação para hospedagem de artistas e oficinairos ganha por uma empresa do Rio de Janeiro que sublocou um hotel local mas não lhe deu qualquer autonomia no gerenciamento do contrato deixando a Fundação José Augusto impossibilitada de usar o serviço que

comprara por falta de interlocução. Para mudar um hóspede de apartamento tinha que “oficializar” com o Rio de Janeiro. Uma triangulação nada prática e mais, uma licitação de um evento teatral ganha por uma empresa da Paraíba, que mandamos investigar sua sede em Bayuex e descobrimos que se tratava de uma empresa laranja, mas toda legalizada. Desqualificamo-la ao custo de uma trabalhadora danada. Enfim, estamos ainda por conhecer as vantagens do Pregão Eletrônico que são muitas, mas ainda não chegaram à Rua Jundiá. Até no Pregão presencial tem problemas. Saibam todos que uma empresa que nunca construiu nada, atrasou em dois meses as obras da Cidade da Criança, criando dificuldades para tentar vender facilidades. Aprendemos que nessas horas não se pode ceder. Preferível perder o prazo a perder a postura.

Vamos à revista que você tem em mãos, a última editada por Mary Land Brito que nos deixou por ter assumido, por força de seleção, um emprego de caráter internacional.

Esta edição da Revista Preá traz na capa a figura romântica de Pedro Grilo, um artista de qualidade e multifacetado, pintor, poeta e cantor lírico, que precisa andar de sombreiro em Natal, para garantir seu lugar ao sol, onde prevalecem a cultura dos donos e os donos da cultura.

Bob Mota é o poeta popular destacado. Um poeta do asfalto que se fez matuto por opção e aprendeu cantar o sertão como se lá morasse;

O artigo de Vicente Serejo sobre "Sua majestade, o pirão" é majestoso. O texto de Serejo, que, segundo Canin-

dé Queiroz, escreve com "uma pena de ouro cravejada de brilhantes", tem cheiro e sabor de pirão.

Tem poemas de João Andrade, vencedor do prêmio de Poesia, Luis Carlos Guimarães, cujo livro com versos dos premiados está finalmente prestes a sair.

A crônica de Norton Ferreira, "Morre o circo, vai-se uma infância" tem gosto de espetáculo... Sim senhor!

O ensaio Fotográfico "Nas pegadas de Lampião" nos traz a nostalgia e a beleza de um sertão ainda hoje, setenta e três anos depois, ainda marcado em sua cultura, pela passagem de um bandido que se fez "capitão", um homem de ferro que carregava consigo o código de honra de um cavaleiro andante e a ferocidade de um "huno de nova espécie", como o qualificou Lauro da Escóssia. Vendo esse ensaio lembro meu neto de nove anos na casa da fazenda onde Virgulino viveu sua infância. "Pai Ôto, Lampião era do bem ou do mal?". Era do bem e do mal... Depende de com quem ele estava falando! Do bem ou do mal, o fato é que a influência do cangaço na cultura nordestina é incomensurável.

Por falar em Cultura do Bem, temos também Flávio Rezende com sua Casa do Bem, que agora é projeto patrocinado pela Petrobrás com incentivo da Lei Câmara Cascudo.

Um artigo primoroso, como ele próprio o é, da lavra do cineclubista Nelson Marques joga luzes sobre a Ficção científica no cinema.

Vitor Hugo Zamorra, da Associação dos Artistas Plásticos do RN mostra uma galeria de traços e cores nossos. Na música vamos aos extremos. Os bons extremos. Juliana Manzano nos

traz o Rap Potiguar e Michelle Ferret registra o rastro de luz deixado pelo Delicatto que soube casar tão bem o erudito com o popular.

Camila Rodrigues, ganhadora do prêmio Rubens Lemos de Jornalismo Cultural, nos premiou com Um Jeito Negro de Ser.

Sílvio Santiago, com fotos de Alex Fernandes nos traz as grandezas históricas e as belezas de Arez, uma cidade que promete.

E ainda se tem a poesia de Yasmine Lemos, com ilustrações de Venâncio Pinheiro.

Todos à leitura. Preá de novo!

Crispiniano Neto
Diretor Geral




O Poeta Popular

Bob Motta

Por

José Augusto Costa Júnior

Pesquisador da Cultura Popular



Bob Motta, natalense, nascido em 1948, é um artista múltiplo que tem dado importantes contribuições à cultura popular, principalmente à nordestina. Sua obra transita entre várias vertentes. De memória prodigiosa, Bob declama centenas de poemas décor, a maioria de sua autoria e outros de consagrados poetas, como Pinto do Monteiro, Lourival, Dimas e Otacílio Batista, Louro Branco, Geraldo Amâncio, Zé Laurentino entre outros. As temáticas abordadas são as mais variadas: espaço geográfico e sentimental do Nordeste, suas tradições, religiosidade, festas sacras e profanas, culinária, superstições, jogos, etc.

Os gêneros poéticos de Bob também são vastos. Segue a tradição dos grandes cordelistas e muitos dos seus poemas podem figurar ao lado dos Mestres Abraão Batista, José da Costa Leite, Patativa do Assaré, Zé Saldanha, Xexéu e inúmeros outros. Herdou também muitos dos gêneros da cantoria de viola nordestina e tem predileção especial pelos martelos agalopados e pelos galopes à beira mar, ambos com estrofes de dez versos. Contudo, sua verve poética aflora mesmo, quando compõe suas trovas e glosas. Este último gênero, notadamente a glosa fescenina, é bastante difundido no Rio Grande do Norte e immortalizou poetas como Moisés Sesyom e Celso da Silveira. Bob segue a linha dos dois. Em Natal, a trova foi e é cultivada por grandes poetas como Esmeraldo Siqueira, Renato Caldas, Palmira Wanderley, Zé Lucas de Barros e seu sogro, Arlindo Castor. Desse último, Bob recebeu grandes ensinamentos e influências na arte de escrever trovas. Na prosa, suas criações são igualmente repletas de caráter telúrico, lírico, satírico e anedótico. No entanto, o carro-chefe são os seus causos burlescos e apimentados. O seu livro *No Cantinho do Zé Povo Cada Causo é Um Causo...* (Título), é o resultado de uma seleção de cem causos das centenas que escreveu para *O Jornal de Hoje*, no qual o poeta mantém uma coluna semanal. A coluna *Cantinho do Zé Povo* é dedicada àqueles que vibram com as presepadas do matuto do sertão e se emocionam com o romantismo, e com as tiradas geniais dos boêmios da cidade. Neste livro, estão presentes, através dos seus causos, crônicas e poemas, a atmosfera geográfica e humana dos lugares em que o escritor viveu. Com saudosismo, discorre sobre a Natal boêmia do seu tempo, seus bares e casas de tolerância (beréus, como diz Bob), redutos de cafetinas, damas da noite, pederastas alegres, bebedores inveterados, que "freqüentam o escritório nos quatro expedientes"... Exalta também, saborosas estórias de artistas, intelectuais, enfim, figuras humanas possuidoras das características mais diversas: pitorescas, tragicômicas, amáveis e inusitadas. Está também



inserido nas narrativas, o cenário do Cariri paraibano, onde o senhor João Francisco da Motta, seu João Motta, pai de Bob, tinha suas propriedades. Lá, aprendeu os costumes e tradições da terra por ele adotada e que também o adotou, bem como do seu povo. Ouviu desafios de repentistas, assistiu e participou das festas de apartação e viu momentos de “afeto” entre seus camaradas e “as jumentas boas de sela”. Evoca personagens com os quais conviveu, amigos de farra, amigos do peito, cozinheiras da fazenda e vaqueiros, como seu Júlio Preto, pivô de inúmeras presepadas. O autor confessa suas traquinagens como o episódio em que derramou pimenta-do-reino no salão do forró de chão batido, com intuito de provocar espirro nas pessoas que dançavam. Bob nos conta ainda causos de domínio público, que foram recriados pelo seu inconfundível talento narrativo. Falar sobre a obra completa de Bob seria um não-acabar. São nove livros publicados, dois CD’S gravados com letras, poemas e melodias de sua autoria e mais de cem títulos de Folhetos de Cordel publicados. Ressalto que há ainda muito de sua produção que está inédita. A arte feita por Bob Motta consegue traçar um painel significativo do Nordeste e do nordestino nos seus aspectos psicológicos, sociológicos, antropológicos

e folclóricos. Dos seus sessenta anos de vida, mais de trinta são dedicados à cultura popular nordestina. O artista tem representado o Rio Grande do Norte em diversos eventos interestaduais. Entre eles a quinta edição da FLIP-Festa Literária Internacional de Paraty-RJ, Primeiro Encontro de Contadores de Causos do Nordeste, na Fundação Gilberto Freyre-PE, Terceira Conferência Nacional das Cidades, em Brasília-DF, além disso tem sido agraciado com prêmios literários, homenagens e títulos em vários estados brasileiros, o que merece ser lembrado e comemorado por todos aqueles que cultivam nossas tradições. ■

BOB:-Parabens pelo livrinho que deve ser vendido nas farmacias e drogarias, especifico contra a tristeza, burrice e mau-humor. Se um camarada velho não voltar á juventude com as "molecagens" irresistíveis do BOB é porque está cego, surdo e "desprevenido" do entendimento. Votos pelo seu sucesso.

Cordialmente

Natal, 9-IX-78.

Camarada Bob

**M O T E O M U N D O S Ó V Ê I
P R E S T Á D I S P Ô I Q U I E U N U M
P R E S T O M A I S ... G L O S A**

No tempo in qui eu era môço,
era rim de namorá.
Era só biête e oiá;
era difíce; era ôsso.

Hoje, porém, é um colôso,
para a môça e p'ru rapaiz,
qui dão boa noite aos pais,
se tranca e vão se deitá;

O M U N D O S Ó V Ê I P R E S T Á,
D I S P Ô I Q U I E U N U M P R E S T O
M A I S ...

**D I S A B A F O D E U M
C O R D E L I S T A V E R D A D Ê R O ...**

Sinhô neocordelista,
quero in verso, lhe dizê,
qui cordel ninguém aprende;
nasce cum o dom, pode crê.

Quem num tem, qué sê artista,
e se diz neocordelista,
só qué mêmo aparicê.

E cuma num aparece,
cum o valô do verso seu,
agride, faiz e acuntece,
na seara in qui se meteu.
Dirmetrifica, num rima,
e qué, ainda pru cima,
dizê qui o cordel morreu.

Tombém mostra no qui fala,
totá discunhincimento.
Cordel num tem só cem ano,
lhe afirmo, nêsse mumento.
No século dizêssêis,
afirmo a todos vocêis,
cordel já era instrumento.

Dais narrativa e de história,
da sua divurgação,
duis mito de cada povo,
e da sua tradição.

De uma sévintia imensa,
era, bem antes da imprensa,
a fonte de infóimação.

Cordelista verdadêro,
iscreve o verso rimado,
num agride o cumpanhêro,
seu verso é metrificado.
P'ro neocordel nem dá bola,
purisso é qui nais iscola,
êle é tão solicitado.

Neocordelista, veíce,
lhe juro, sem brincadêra,
normaamente é respeitada,
de tôda e quaiqué manêra.
Lhe dêxa isigi respeito,
porém, lhe tira o dêreito,
de andá falando bestêra...

Bob Motta
NATAL-RN
26.MAR.2009

Sua majestade, O PIRÃO

“

O PIRÃO, GLÓRIA DO BRASIL”

Gilberto Freyre

Por

Vicente Serejo

Fotos

Anchieta Xavier

Na história do pirão tudo é majestoso. De sua ancestralidade humilde e rupestre, desde os mingaus da cozinha indígena, cinco vezes secular, até a glória quase heráldica, ungido que foi por Gilberto Freyre num artigo de louvação, há quase setenta anos. Hábito velho, de índios e negros, sobrevive até hoje na mesa de ricos e pobres, como uma companhia indispensável aos cozidos de carnes, aves, peixes e crustáceos. Sua história, vasta e erudita, repousa em livros clássicos e populares com uma bibliografia consagrada. E é, sem dúvida nenhuma, um dos mais importan-

tes complexos culturais na história da alimentação brasileira.

A história do pirão tem uma raiz – verdadeira e ao mesmo tempo alegórica: a mandioca. Com uma presença em todo o Brasil, desde o caminho sinuoso do rio Amazonas, pontilhado de aldeias, até sua larga presença ao longo de todo interior e litoral brasileiros. Nossos índios, quando os portugueses colonizadores aqui chegaram com seus olhos cheios de ambição, já dominavam duas técnicas na fabricação da farinha: descascavam, ralavam, secavam ao sol e peneiravam; ou deixavam de molho nas suas canoas, nas águas correntes dos rios, até largarem a casca, virando a puba-macia e fermentada.

Os mingaus salgados, portanto, nascidos das culinárias indígena e negra, existem antes mesmo do batismo do nome pirão, com presença nas narrativas dos melhores viajantes e cronistas, desde o Brasil colonial. E se mantém nos livros e roteiros gastronômicos até hoje. Seu valor cultural e sociológico pode ter sido um pioneirismo do olhar de Gilberto Freyre. Na primeira metade dos anos vinte, há mais de oitenta anos, no artigo que publicou no Diário de Pernambuco





O PIRÃO É UMA OBRA PRIMA NACIONAL'

Câmara Cascudo

e fez constar na seleção do seu livro 'Artigos de Jornal', velha edição Mozart, no Recife de 1940, mas foi Câmara Cascudo quem contou e fixou sua história.

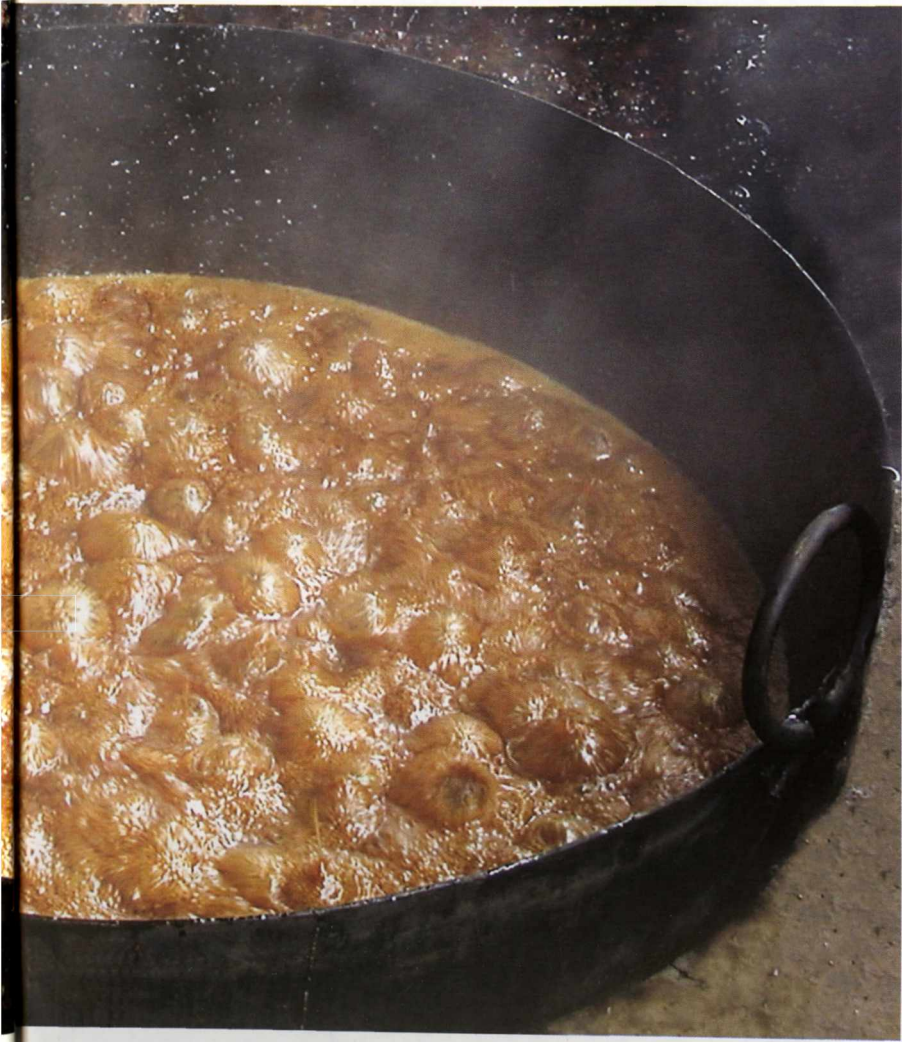
Divino pirão! É assim, exclamativo e esplêndido, que Gilberto defende a importância do pirão antes mesmo da existência formal de uma gastronomia brasileira. Para ele, nunca 'se pintou no Brasil um quadro, nem se escreveu um poema, nem se plasmou uma estátua, nem se compôs uma sinfonia que igualasse em sugestões de beleza a um prato de

pirão'. E cita Artur Ferreira: 'Uma onda de ouro por onde se espaneja o verde das couves'. Cobra a pintura e até sugere ao pintor imaginário um 'fundo todo de pirão amarelo'.

Considera Freyre que a cozinha do Brasil patriarcal foi, na formação do nosso gosto, a idade de ouro do pirão, consagrando sua permanência na mesa das nossas conversas sociais e políticas. E lembra um então recente movimento inglês, nascido nas rodas literárias daquela Inglaterra de meados do Século XIX, para a defesa da culinária, com um dever que recomendava: 'Trabalhar pela elevação da arte culinária na Inglaterra'. Não a fez mais rica e criativa, registra Freyre, mas ressalva a qualidade insuperável da carne de carneiro.

Palmilhando um chão velho de quinhentos anos numa introdução vasta e erudita onde desenha o retrato do índio, sua fome e sua mesa, Câmara Cascudo parte da Carta de Pero Vaz de Caminha. Percorre os grandes cronistas e viajantes como as testemunhas fiéis ao tempo e à experiência do olhar, e fixa o ponto de partida da história da alimentação brasileira no cardápio dos tupiniquins quando não mais apenas coletavam. Cita, na Carta do Piloto Anônimo, registro de 1584 - 'uma raiz chamada inhame', confirmando a observação de Pero de Magalhães Gandavo, bem antes, em 1573: 'O que lá se come em lugar de pão é farinha-de-pau'.

A mandioca é, pois, literalmente, a raiz dessa história. Se Gandavo foi o primeiro a descrevê-la - nas hastes avermelhadas, nos pequenos ramos que partem com os ventos tormentosos e no porte que varia de cinco a seis palmos - Caminha percebe sua importância 73 anos antes, quando



Artigo.

chega, e escreve: 'Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão deste inhamé, de que aqui há muito'. E depois: 'E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos'.

O pirão nasce, portanto, como informa a professora Paula Pinto e Silva no artigo que escreveu em março de 2001 para a Gazeta Mercantil, quando os índios usaram a farinha e fizeram uma papa ou uma sopa grossa e cremosa na mistura com o caldo de peixe. Ao descobrirem a cerâmica, puderam cozinhar, presos que viviam aos peixes e caças moqueados ou assados. Ela informa o sucesso do pirão no Brasil colonial, há cinco séculos: 'Originário do mingau, que na língua geral da costa significa aproximadamente 'comida gosmenta', o mingau indígena conquistou o paladar do branco que acabara de chegar'. Era o pirão.

As raízes indígenas são brasileiras; as negras são africanas. Mas, as duas se misturam na história do pirão. Câmara Cascudo, em 'Made in África', livro de 1965, avisa: 'O português levou o pirão brasileiro para Angola e o angolano trouxe o funje para o Brasil'.

E faz a reserva de importância das três influências: o indígena contribuiu com as constâncias e permanências; o negro sofreu 'um processo de aculturação em que se perderam muitos elementos originais de sua culinária'; o português introduziu a técnica e a arte de fazer.

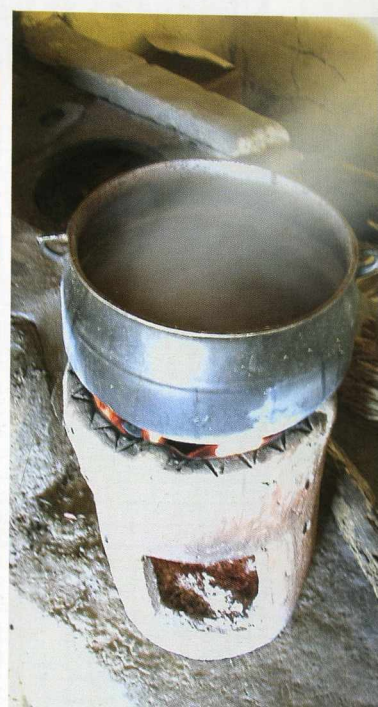
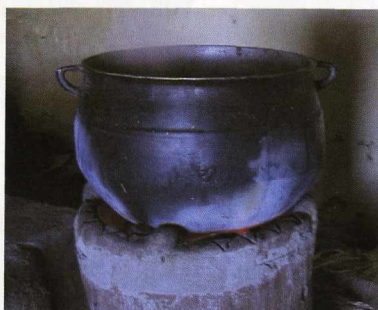
Ainda para Cascudo não há diferen-



ça essencial entre o pirão e o funje. E cita Oscar Ribas para explicar que a palavra 'pirão' é indígena, com a sua origem 'nhengatu' e se fixou no Brasil no Século XVI; 'fúnji' é africana. É Ribas quem explica o funje: 'É a massa cozida de farinha denominada fubá, geralmente de milho, massambola, mandioca ou batata-doce'. A professora Angela Delouche aceita a receita africana, mas avisa que é diferente do funje da Zona da Mata, em Pernambuco - a massa é molhada e fresca e não de farinha seca.

O pirão, portanto, cumpre a função de ser um dos traços da identidade cultural brasileira, constante e permanente. No cardápio de todas as mesas, ricas e pobres, tradicionais e modernas. Não foi à toa que numa velha crônica de Acta Diurna, em junho de 1947, há mais de sessenta anos, Câmara Cascudo considerou a comida como reveladora da identidade cultural e social de um povo. A partir do título: 'Dize-me o que comes...' à frase que completa e conclui: 'Dize-me o que comes e direi se és realmente homem do teu país!'.

No texto, relaciona ícones de várias culturas gastronômicas do mundo: 'Um churrasco que tem história real no passado continental; a feijoada completa, o cozido com todos os pertences, o peixe cozido com pirão, vatapá que traz todos os vícios e virtudes da grande Bahia, são os elementos constantes de uma civilização, traços indistigáveis de uma nacionalidade; como o puchero uruguaio, o cocido espanhol, a polenta napolitana, o porridge da Escócia, o bacalhau à portuguesa, o borsh russo, a sexa sueca,



o cuscús árabe, a tortilha mexicana, o tofu do Japão, o knacker-brood da Finlândia, o bife inglês, a salada francesa'.

No pequeno Dicionário de Gastronomia, de Maria Lucia Gomensoro, há dois verbetes indispensáveis como citações: Escaldado – o pirão mexido que os pescadores nordestinos chamam de 'Escaldaréu'; e o Pirão, que a autora aponta como traço da cozinha nacional, separando, no caso, o pirão escaldado do pirão mexido. No primeiro, basta derramar o caldo fervente sobre a farinha seca. É o pirão coberto ou pirão de pobre; no segundo, a farinha é posta em pequenas porções, sempre mexendo, até ganhar consistência. É o pirão de rico. No sertão, o Pirão de Leite, acompanhador da carne de sol e da rapadura. O leite quente substitui o caldo.

Nas regiões Sul e Sudeste os dicionários de gastronomia registram o Escaldado de Peru, prato típico do dia seguinte ao Natal e Ano Novo, feito a partir dos restos da ceia e, no caso, da carcaça do peru; e o Pirão de Ovos estalados que Maria Lucia Gomensoro registra como sendo uma espécie de escaldado, 'ovos refogados com pimenta ardida, servido com farinha de mandioca engrossada na gordura onde os ovos foram feitos'. Sem falar do pirão de galinha gorda, caipira, fonte de sustança para o nordestino, forte e sem cargo para guardar o resguardo das mulheres paridas, assim como os povos do mar acreditam na bondade do peixe com

escama, na água e no sal, porque não é reimoso.

O pirão é nosso, filho legítimo da farinha que, segundo Câmara Cascudo, na sua monumental História da Alimentação no Brasil, tem uma explicação: 'Técnica portuguesa com material brasileiro, o pirão brasileiro é uma obra prima nacional, colaboração afetuosa e positiva da permanência realizadora, como a mulata'. A farinha - ainda é Cascudo quem explica - é o alimento nacional, primeiro conduto alimentar brasileiro pela extensão e continuidade'. E depois: 'A alimentação é o espaço das permanências e, portanto, aquele em que se fixa mais profundamente a tradição'.

Rogéria Campos de Almeida Dutra, professora de antropologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, estudando a culinária na formação da cultura brasileira parte de Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. Da importância dos dois nordestinos como "os portadores do projeto da 'inteligentsia' brasileira na primeira metade do século passado de construir a identidade nacional valorizando exatamente o que era considerado o grande empecilho para nossa construção como nação e para o progresso da sociedade brasileira: a mistura, a mestiçagem que nos distanciava do padrão europeu de tradição, cujo prejuízo estaria relacionado a fortes componentes raciais".

Eis o pirão. Na sua majestade de obra prima, com quinhentos anos de glória ■

Vai, vai, vai começar a brincadeira

Por
Luiz Nepomuceno
Fotos
Anchieta Xavier

Respeitável Público, inicio e dedico estas primeiras linhas aos homens e mulheres que derramaram suor, lágrimas e deram, em muitos casos, seu próprio sangue para fazer sua arte. Arte essa que os eruditos chamam de “a arte milenar” a Arte Circense. A arte do povo, para o povo que encantou os nobres e que assustou muitos pais de donzelas que até hoje é cantada em versos, “o palhaço o que é? É ladrão de mulher...”.

Senhoras, Senhores e crianças, isso mesmo, todos nós somos crianças como disse o escritor Ruiz: “Há sempre um pouco de circo no coração de toda criança. Há sempre um pouco de criança no coração de todo adulto...” E com o meu coração circense tenho a honra de apresentar para todos vocês uma História do Circo no Brasil vista por outro ângulo, onde se confunde com a própria História do nosso País.

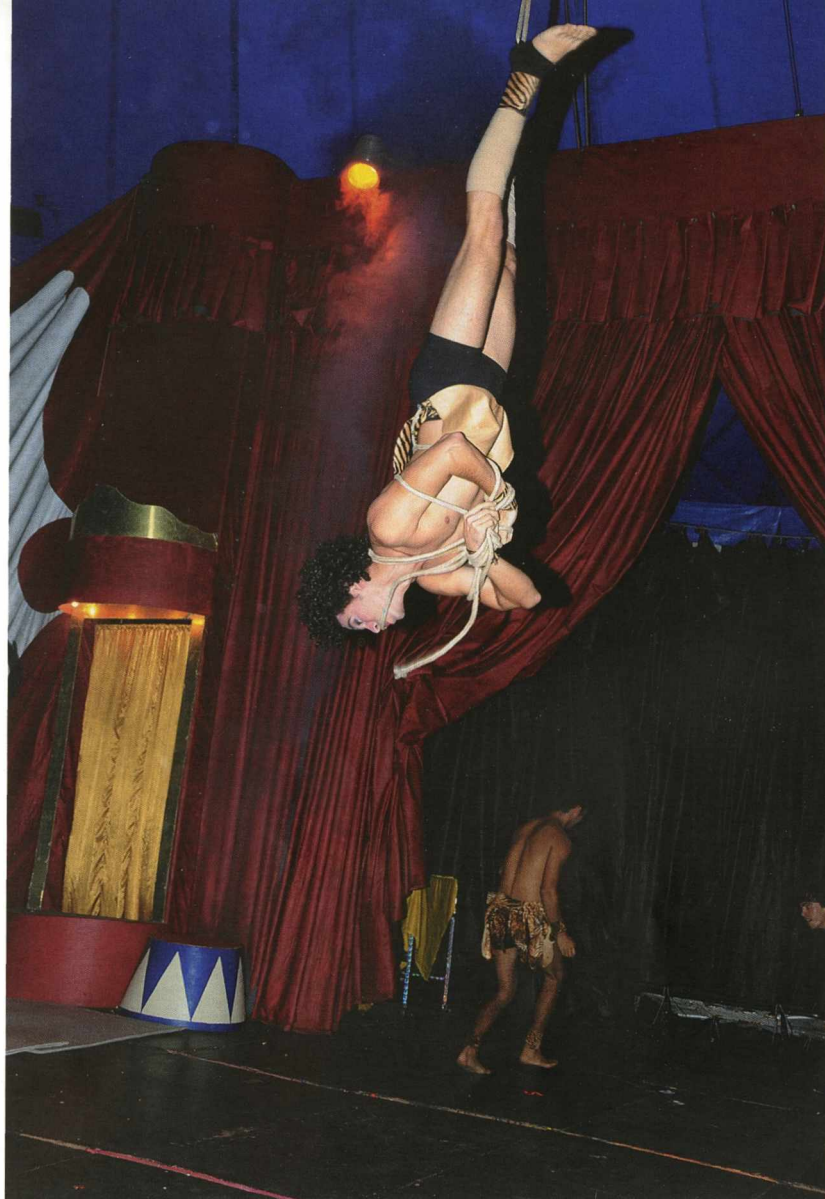
A história da arte circense, que aparece aqui após seu descobrimento quando chegaram seus primeiros povoadores. Abrimos as cortinas e deixamos vir a esse picadeiro feito de papel e letras e que possa eu ser o apresentador desse espetáculo. Respeitável leitor, aplauda o bailado do nosso ballet da História do Circo no Brasil, onde sua graça e desenvoltura estão presentes desde quando a Terra de Vera Cruz ficou sendo uma colônia de pessoas que tinham características, personalidades e culturas diferentes e/ou que não condizem com a sua época e por isso eram colocados à margem da sociedade, ou seja, eram marginalizados por aqueles que tinham hábitos comuns da sociedade portuguesa. Então o Brasil nesse período do século XVI era o destino dos marginais – no sentido real da palavra e que já fora mencionado – de Portugal. As personalidades que aqui compunham esses marginais eram também ciganos, expulsos da Europa a que tinham diversas habilidades que incluíam: a doma de animais, o ilusionismo e eram exímios cavaleiros. Com isso a pequena colônia já tinha



representantes saltimbancos¹, que exibiam suas artes nas feiras de escambos e assim, despertando a curiosidade daqueles que não tinham esses mesmos conhecimentos, eram grotescos para alguns e fascinantes para outros. Sempre houve ligação dos ciganos com o circo.

Quando os nobres da Europa, em especial os portugueses, começaram a habitar o Brasil e o rei de Portugal decide transformá-lo realmente em uma colônia portuguesa, com algumas nobres famílias vindas do reino, acreditamos que trouxeram nessas embarcações artistas que contribuíram para o crescimento da arte circense nesse período. O Brasil tendo um vasto litoral, vários navios atracaram por aqui, navios esses sendo de piratas ou desbravadores do velho mundo, acredita-se que suas tripulações eram compostas por povos nômades, ou seja, os ciganos – saltimbancos.

¹ Saltimbancos - do Italiano. saltimbanco, salta em banco; ginasta ou acrobata que se exhibe nas feiras, festas, etc. artista de circo. PAVIS, eram artistas populares que, nas praças públicas, quase sempre em cima de um tablado, fazia demonstrações de habilidades físicas, de acrobacias, de teatro improvisado.



No Brasil, setecentista, há registro de padres reclamando dos ciganos, que usavam estruturas parecidas com as de circo de pau fincado. Por isso, antes de Phelip Astley ter um circo, já havia arte circense no Brasil, obviamente não como se conhece hoje.

Nesse período, a denominação circo, para o que conhecemos hoje, se já existisse não estava difundida, pois essa classificação não tem data precisa. Intitulamos seu autor o suboficial do exército inglês Phelip Astley, que montou uma estrutura circular, depois que percebeu ser mais fácil equilibrar-se de pé sobre um cavalo a

galope dentro de um círculo perfeito. Uma questão de lei da física: a força centrífuga. A denominação para essa classe de artistas é a de mambembe (ator, ou grupo teatral amador e de má qualidade. Grupo teatral volante) ou saltimbancos. Vale salientar que todo saltimbanco era cigano, mas nem todo cigano era saltimbanco. E que nesse período não se distinguia o mambembe do saltimbanco da forma como se distingue hoje. Esses artistas usavam tendas, como forma de moradia e para algumas e eventuais formas de apresentações, que mexiam com o imaginário popular,

POR ESTAREM SEMPRE À MOSTRA, OS RELATOS QUE EXISTEM NOS DESCREVEM E NOS DÃO REFERÊNCIAS NORMALMENTE NEGATIVAS, POR NÃO TEREM MORADIA FIXA, A SOCIEDADE OS VIA COMO PESSOAS EM QUEM NÃO SE DEVE CONFIAR POR SEREM INSTÁVEIS

quem nunca viu ou ouviu falar da Monga, a mulher-macaco? Com um truque de ilusão de espelhos e com pouca iluminação dentro de uma tenda, os ciganos, um dos primeiros a trabalhar com essa arte, fazem com que uma linda mulher, usando trajes de banho, sofra uma mutação animalisca na frente dos espectadores, deixando de ser uma linda mulher passando a ser uma fera que assustava a todos. Por estarem sempre à mostra, os relatos que existem nos descrevem e nos dão referências normalmente negativas, por não terem moradia fixa, a sociedade os via como pessoas em quem não se deve confiar por serem instáveis, de hábitos culturais livres e por seu trabalho exótico que causa-

va espanto a quem assistia. Normalmente esse espanto era fartamente comentado pelas pessoas no seu dia-a-dia. Naquele tempo, nas festas sacras, havia bagunça, bebedeiras e exposições artísticas. Os padres escreviam relatos pondo a culpa nos ciganos e nos artistas. No livro História Visual do Circo no Brasil de Antônio Torres que relata: "1727 – Dom frei Antônio de Guadalupe, bispo do Rio de Janeiro (com jurisdição nas Minas Gerais) pede instruções ao Santo Ofício sobre como proceder com os ciganos que infestavam as povoações da Capitania, principalmente as instaladas na Vila Rica de Ouro Preto, realizando com grande aparato, comédias e óperas imorais".

No último quarto do século XVIII já existiam grupos circenses indo de cidade em cidade, em lombo de burro, fazendo de tudo um pouco em pequenos espetáculos em de festas. Quero destacar que o enredo das apresentações era preparado de acordo com o local e a data festiva onde o circo estava armando, sendo as festas de padroeiros um dos principais organizadores dos roteiros de itinerâncias dos circos no Brasil. Com isso as festas sacras católicas juntamente com as crenças populares eram enfatizadas e ornamentadas pelos artistas nas comemorações locais. Nas festas seguia-se a seguinte ordem: pela manhã e a tarde os artistas saíam nas ruas mostrando e divulgando as atrações do espetáculo



Artigo.

da noite; era realizada a missa logo após as apresentações dos artistas na praça, chamando atenção do público para ir assistir ao espetáculo no circo. O espetáculo sempre tinha de ser depois da missa. Logo em seguida os artistas tinham de participar das comemorações sacras locais junto à população para serem vistos como pessoas de boa índole e logo depois da parte sacra, vinha a parte profana da festa em que os saltimbancos demonstravam suas habilidades durante as grandes festas do calendário cristão católico – onde na Festa de Reis eram enfatizadas as habilidades de esgrima e força, fazendo referência ao massacre que ocorreu no período do nascimento do Menino Jesus. No São João, chamava-se a atenção nos números (todas as apresentações individuais ou não) de pirofagia (manuseio com fogo). No Natal o espetáculo todo era muito enfatizado, pois era o período do ano onde se tinha todo espetáculo completo e eram também incorporadas novas técnicas para dar um ar nostálgico às apresentações, e com isso ia se criando novas áreas circenses.

As manifestações e festas folclóricas também foram uma das que contribuíram para o desenvolvimento da arte circense no Brasil, cujo desenvolvimento foi registrado por vários estudiosos. Entre eles posso ressaltar o seguinte: Registros diversos afirmam que já existiam saltimbancos no Brasil desde o século XVII, mas sempre agregados a representações teatrais. Circo mesmo, ao que parece, só existiram por aqui no século seguinte. Há registro que o primeiro nome que apareceu é o de Manoel Antônio da

Silva, provavelmente um português que, em 1828 recorreu a uma residência particular para apresentar um único número: dança sobre cavalos a galope. Assim, ilusionistas, malabaristas, pirofagistas, equilibristas, domadores de feras manipuladores de objetos, músicos, atores, dançarinos, artistas que moldaram a arte do grotesco e que já habitavam o solo brasileiro, viajando em função do gosto da população local, como ainda é até hoje. Respeitável público, o circo chega ao Brasil, trazendo novidades da Europa: contorcionistas, trapezistas, leões, elefantes e outros animais de pequeno e grande porte para atravessar o oceano e alimentar a imaginação de crianças e adultos. Todos os relatos já citados nos dão indicativos de que a arte circense começa a ser valorizada por todos e dessa forma foi crescendo e iniciando um intercâmbio cultural, entre artistas estrangeiros e também com a sociedade local. Pode-se dizer que a tradição circense nacional afirma que o primeiro circo que nos chegou, por volta de 1830, era o Circo Bragassi e que, no entanto, já existiam por aqui circos de pau-a-pique, feitos à base de improviso. A vinda dos primeiros circos parece que estimulou muito mais lá por fora, correndo mundo as notícias de que havia bastante dinheiro a ganhar por aqui e, assim eles foram vindos e formando as grandes famílias circenses que iriam construir o circo brasileiro. As famílias que vieram parar aqui no Brasil no século XIX, já como trupe. Sucessivamente eles foram chegando e ficando. Todas as famílias formaram e formam as grandes companhias circenses do



Brasil. Foram eles os responsáveis por hoje o Brasil ser um dos importadores de talentos e pela criação da Academia Piolin das Artes Circenses em São Paulo, e logo depois no ano de 1983 é criada a Escola Nacional de Circo, uma referência mundial da cultura circense do Brasil.

No Circo, as relações que aí se estabelecem, constituem uma grande sociedade das nações diversas. Esse fenômeno é universal, uma vez que em todo circo ocorre esse fato. Além disso, lá se falam vários idiomas, havendo também havendo um idioma próprio, uma espécie de dialeto, herdado dos ciganos, mas é no circo que as diferenças sociais e culturais se tornam irrelevantes, convivendo harmoniosamente.

No Brasil a fase de ouro do circo foi no século XIX, quando grandes circos estrangeiros vinham pra cá de acordo com os ciclos econômicos, como o do café, o da borracha, o da cana-de-açúcar, etc. Eles vinham de navio pelo litoral e depois iam até o rio da Prata e a Buenos Aires. Este circo era assistido até pelos Imperadores, chegando ao ponto de criar uma amizade, como foi o caso de Franco Olimecha (Franck Olimecha), que recebeu vários convites de Dom Pedro II para ir ao Paço. Sabendo da origem de Franco, o Imperador chegou a demonstrar Interesse em iniciar com ele um estudo do idioma japonês e, em reconhecimento

à dedicação que o artista lhe dispensou, agraciou-o com o título de Comendador, a primeira distinção dada a um artista circense no Brasil.

E o circo viaja através dos tempos, com novidades e com o advento das

escolas circenses, no século XX, ele chega e se concentra nos esforços humanos relacionados à comicidade e às habilidades físicas. No lugar de números sobre-humanos, que envolvem real risco de vida, no Novo Circo tende a operar em uma dimensão mais humana, deixando as situações de risco, tensões e sustos para os cinemas que já oferecem uma quantidade mais que suficiente de fantasias escapistas.

O movimento do novo circo é paralelo ao próprio reconhecimento da importância cultural do circo e de sua aceitação em todo o mundo, como forma de arte específica. Contudo, seja tradicional ou novo, o circo está ainda conectado ao entusiasmo, impetuosidade, representação e divertimento que ele sempre proporcionou. Viva o Circo!!

**NO BRASIL A
FASE DE OURO
DO CIRCO FOI
NO SÉCULO
XIX, QUANDO
GRANDES CIRCOS
ESTRANGEIROS
VINHAM PRA
CÁ DE ACORDO
COM OS CICLOS
ECONÔMICOS,
COMO O DO CAFÉ,
O DA BORRACHA,
O DA CANA-DE-
AÇÚCAR, ETC**



Capa | Entrevista. Pedro Grilo

Por

Mary Land Brito

Fotos

Alex Fernandes

Pedro Grilo chama atenção por seu visual singular, principalmente o chapelão, marca registrada do seu figurino. Muitos estranham sua forma de se vestir e poucos conhecem suas diversas habilidades artísticas: poeta, trovador, pintor e cantor de ópera. Atualmente Grilo trabalha em um projeto que é uma verdadeira declaração de amor a Natal: a pintura de uma série de 100 quadros (ele já pintou pouco mais da metade) que retratam a cidade de antigamente. As obras simbolizam também um traço característico da personalidade do pintor: a nostalgia. O passado está sempre muito presente em suas conversas e suas trovas. Do tempo transcorrido, Grilo também trouxe a forma cavalheiresca de tratar as pessoas, de respeitar e exigir respeito, porém, se ele sentir qualquer tipo de discriminação e ofensa não se intimida em usar ferinas combinações de palavras.

AUTODIDATA, FREQUENTOU A ESCOLA SÓ ATÉ OS 15 ANOS DE IDADE. SEU CONHECIMENTO DA HISTÓRIA MUNDIAL É IMPRESSIONANTE, SABEDORIA HERDADA DAS INÚMERAS ENCICLOPÉDIAS QUE LEU AO LONGO DA VIDA E QUE SERVIU DE INSPIRAÇÃO PARA O NOME DOS QUATRO FILHOS: OLÍMPIA, MUHAMAD, MAHATMA E AMENHOTEP.

Boêmio, Pedro Grilo tem orgulho de todas as fases de sua vida e na atualidade, além de se dedicar à pintura e a escrever suas trovas, também dá aulas de pintura para a terceira idade no IFRN (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN - antigo CEFET) e participa ativamente da SPVA (Sociedade dos Poetas Vivos e Afins) em que uma das atividades é percorrer escolas e outras instituições apresentando pérolas da nossa literatura.

Outro compromisso que Grilo cumpre com afinco e alegria é comparecer ao forró da Associação das Viúvas que acontece às sextas-feiras no prédio dessa organização na Avenida Rio Branco. Eu mesma pude comprovar sua paixão pela dança uma vez que compareci ao Forró com ele e logo nossa entrevista foi deixada de lado – e não mais retomada nessa noite – assim que o sanfoneiro começou a tocar e Pedro não resistiu e partiu para bailar com as senhoras que costumam dividir a pista de dança com ele. Sua esposa, a amada Chiquinha, com quem está casado há 44 anos, prefere ficar em casa. Ela mesma prepara a toalha perfumada que Grilo costuma levar para enxugar o suor e checa se a embalagem de adoçante que ele utiliza como refil de perfume está sempre cheia. Comportamentos singulares que uma mulher desses tempos modernos como eu, realmente tem dificuldade em entender. Por outro lado o que me é claro e notório é o amor recíproco que o casal nutre, a paixão que Grilo tem pela vida e pela arte e a tristeza que surge em seu olhar quando o assunto é reconhecimento, temas que serão abordados na entrevista que segue.



“

**NOS MEUS ESCRITOS
EU NÃO PERDÔO
O CANALHA, O
TRAIDOR, O CÍNICO,
O MESQUINHO, O
ARROGANTE, AS MÁ
QUALIDADES DO SER
HUMANO. E ENALTEÇO
AS VIRTUDES.**



Pra começar, quem é o Pedro Grilo?

É um homem cáustico com as canalhices do ser humano! Nos meus escritos eu não perdôo o canalha, o traidor, o cínico, o mesquinho, o arrogante, as más qualidades do ser humano. E enalteço as virtudes.

O que te estimula a escrever?

Eu escuto o noticiário, aí vem um tema que eu acho importante desmascarar, meter o malho ou então elogiar. Eu me baseio nos fatos que se afloram na vivência e vou fazendo.

Profissionalmente sua principal referência é seu trabalho como pintor e abridor de letreiros, como tudo isso começou?

Papai me mandava buscar umas mercadorias que ele comprava na cantina da estação e pra fazer a lista ele desenhava uma letra bonita; aí achei bonito e comecei a desenhar letra de toda qualidade. Fui aperfeiçoando e depois comecei a ganhar dinheiro. Lá no DETRAN baixaram uma portaria pra pintar o fundo das carrocerias dos caminhões com um quadrângulo bem grande pra colocar o número da placa traseira, daí fui fazer esse trabalho e ganhava 20 cruzeiros por carroceria; era dinheiro demais, era muito caminhão, fazia fila. Eu ganhava quase 200 contos num dia. Depois fui ficando conhecido e abrangendo a cidade, o comércio. Cheguei ao ponto de ter um trator em cima de uma parede, lá na Ribeira, que pensavam que era de verdade; pintei do tamanho natural do trator, você via todos os detalhes. Também pintei a muralha da china num restaurante em Recife. Outra coisa muito bem-feita foi uma garrafa de uísque, você via as letras no fundo da garrafa, pintei pra um bar que ficava vizinho ao Juvenal Lamartine, onde hoje é um posto de gasolina. Fiz muita coisa boa e bem-feita.

Pedro Grilo

Foi nessa fase que o senhor ganhou bastante dinheiro?

Escapei com a família até agora no começo dos anos 90. Em 93 foi o último contrato que eu fiz. Aí veio o computador, a plotagem, aí me plotaram.

Em que o computador influenciou na sua vida?

Ele acabou comigo! (fala com brabeza). Ah, mas eu me vingo. Agora um freguês quer um letreiro, eu vou lá na plotagem e peço tantos metros do que vai ser. Aí eu mando vazar, apagar a letra e fica só o vazio, aí eu colo e com a tinta grossa, vai bem ligeirinho. No meu tempo tinha que cortar de um em um, pelo menos nisso o computador ajudou. Também uso pra editar meu jornal.

O senhor achava que essa transição ia ser tão rápida?

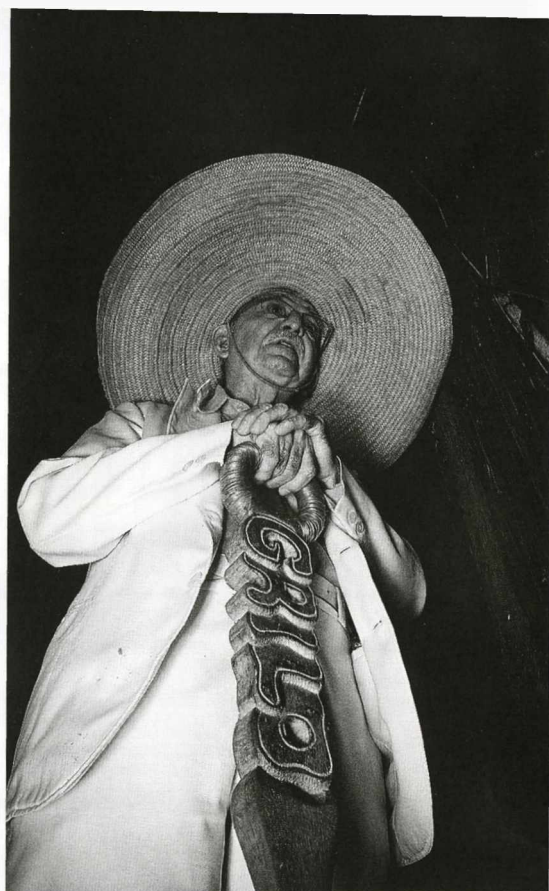
Não esperava nunca que o computador tivesse essa abrangência, se eu adivinhasse... (fala pensativo). Com o dinheiro que eu ganhei na época dava pra comprar 10 computadores ou mais! Mas me conformo, sou tranqüilo e a mulher não fica atrás, é maravilhosa.

O senhor ficou triste com essa realidade?

Não! Sou boêmio, sou boêmio minha filha, em toda vida fui boêmio. Passei por várias crises antes do computador, então eu sempre reuni os meninos e disse "vocês se alimentem!" Sempre fui caprichoso com comida. "Quando a coisa ruim chegar vocês vão comer a coisa ruim também." E eles seguiram a mesma pegada minha.

Como boêmio sei que o senhor quando recebia dinheiro costumava fazer uma boa feira pra casa e desaparecer por aí...

Eita, que bisbilhoteira! (Gargalhada) Cachaceiro sempre tem motivo pra fazer uma brincadeira. Tinha uma cambada que gostava de vaquejada, um dia eu cheguei de uma farra passei pelo mercado e levei logo as compras. Gosto de ficar tranqüilo. Aconteceu que quando voltei a mulher falou: "faltou laranja". Então fui comprar. Aí a cambada passou e me seqüestrou para uma festa em Ceará-Mirim. Daí inventaram de ir pra Poço Branco, aí chegou um boiadeiro na barragem falando de uma vaquejada em João Câmara. "Bora!" Fo-



mos pra lá no sábado. No domingo, vaquejada; segunda e terça, também. Aí eu procurava logo uma loja pra comprar roupa limpa. Desse negócio fomos pra Macau, depois Açú. Aí de repente "vamos tomar uma em Tibau?" "Bora!" Eu que chamava. Eu não gastava não, só o dinheiro da gasolina. Chegando nas cidades fazia logo amizade e ninguém deixava a gente pagar, sabe? Voltando de Tibau, paramos numa cachaçaria em Mossoró encontramos o boiadeiro: "rapazes vocês já estão aqui?" Aí ele chamou a gente pra conhecer a fazenda dele em Sobral. E haja estrada, e cadê Sobral? Lá encontramos outro 'caba' que tinha uma fazenda na Serra e lá fomos nós. Lá conheci um boiadeiro que me mostrou uma luz lá longe e disse que eu era convidado dele pra ir pra lá passar uns dias, e lá fomos...

E você tinha saído pra comprar laranja...

Foi! De volta em Caruaru, resolvemos tomar água de coco numa cidade lá perto, negócio de 'bebo'. Bebemos a água de coco e viemos embora. Quando chegou em Bayeux, um 'caba' disse: "ah! Minha irmã está comemorando 50 anos de casada em Campina Grande. Bora?" "Bora!" Passamos mais três dias. Aí eu resolvi vir pra Natal e pensei: "agora vou comprar minhas laranjas." E fui pra Sapé pois lá é que tem laranja doce.

E quanto tempo durou essa viagem toda?

22 dias!

Ah, se eu fosse sua esposa...

(Gargalhada). Acho que eu apanhava! Olhe, mas quando eu cheguei a mulher me deu logo uma rabiçaca e disse: estou com ódio de você! Mas aí já agarrei ela e enchi de cheiro. Aí ela me perguntou por onde eu andava. Eu falei: Mas eu não deixei dinheiro aqui? Ela disse: Né dinheiro não, a gente tava era preocupado com você. E assim foi. Eu vivo feliz com minha família, tive sorte de ter uma mulher boa, que a gente se entende. Não troco ela por mulher nenhuma nesse mundo.

Hoje você já não tem as mesmas condições financeiras do passado. Existe alguma diferença entre o Grilo com dinheiro e o Grilo sem dinheiro?

Tem não. E devo à mulher com quem casei. Essa minha postura serena, do mesmo jeito. Só uma ligeira diferença, que quando tinha dinheiro eu era boêmio, diariamente eu ia pra boemia, hoje não posso, não vou porque não posso. Porque se não toda noite ia pra rua beber água mineral com leite. Ia amanhecer com a turma.

Água mineral com leite?

Porque sou diabético e não posso beber. E também quando bebia um copo de vinho queria beber a adegá toda. Por isso num bebo mais, né?

Mudando de assunto... Me diz: como foi que começou esse seu projeto de pintar a Natal de antigamente?

Começou com um apoio que pedi a François (François Silvestre, ex-presidente da FJA). Falei do meu interesse em fazer uma espécie de resgate da cultura de Natal, a História da cidade do Natal. Foi aí que eu fiz as primeiras 15 telas pequenas. Depois, já com Crispiniano, peguei meu menino, peguei todas as 15 telas, botamos no ombro e fomos na FJA. Chegando lá ele disse que tinha interesse de colocar o projeto pra frente. Aí a Fundação José Augusto está me fornecendo o material.

E pra você, qual a grande importância desse projeto?

Resgate! Estou resgatando a minha cidade que foi mutilada. Era arborizada, bonita, era um bosque, e agora está mutilada pela avidez imobiliária, pela ganância, pelo dinheiro. Eu fico muito triste.

Como Natal poderia crescer sem essa mutilação?

Isso é parte da educação. Não temos educação ecológica, não temos amor pela natureza.

E esse seu visual, sempre bem arrumado, desde quando e por quê?

Eu tinha um terno que só usava em momentos especiais. Em 1988 na campanha política, eu era candidato a vereador pelo PDT e numa reunião eu escutei umas perucas comentando maldosamente os trajes dos candidatos dos partidos da coligação, chamando de candidato pé-de-chinelo. Eu tava sempre à vontade, né? Alpargatas, bermuda... quem lançou bermuda aqui em Natal fui eu em 1959. Mas na campanha eu não ia andar de bermuda, andava de calça e camisa. Mas logo no início da



“NÃO! SOU BOÊMIO, SOU BOÊMIO MINHA FILHA, EM TODA VIDA FUI BOÊMIO. PASSEI POR VÁRIAS CRISES ANTES DO COMPUTADOR, ENTÃO EU SEMPRE REUNI OS MENINOS E DISSE “VOCÊS SE ALIMENTEM!” SEMPRE FUI CAPRICHOSO COM COMIDA.”

Pedro Grilo

campanha teve esse incidente, aí resolvi botar os ternos que eu tenho pra fora. E passei a usar terno. Como hoje tá caro, ganho muitos dos amigos. Já tenho pra mais de trinta.

E o chapéu?

O chapéu é veda-vista. O sol esquenta a minha cara e eu fico ceguinho, aí eu ando assim né? Coloco o chapéu.

Mas já virou um estilo todo Pedro Grilo.

É. No momento eu tenho três, o mexicano e esses dois. Essa nova remessa me foi muito cara, porque tive que ir à Lagoa dos Velhos, encomendei pelo telefone e fui buscar.

E que história é essa de que foi o senhor quem lançou bermuda em Natal?

Eu trabalhava de calça comprida, escorado na escada, o joelho escorado no degrau ia puindo, com pouco estava rasgado. Aí eu cheguei e pedi pra mãe dobrar, cortar e fazer o abanhado do joelho pra cima pra eu trabalhar e andar. Aí quando cheguei ao Grande Ponto foi uma vaia! Uma vaia danada, viu? Aí pensei: é comigo. É não! Quando eu ia saindo a vaia começava, aí eu parava e eles paravam. Quando fui saindo, de novo a vaia! Aí eu fiquei pra lá e pra cá, aí a vaia foi diminuindo. Depois fui pra casa dando risadas e comecei a usar bermuda pra trabalhar. Agora, pior foi com Newton Navarro. Ele resolveu vestir um saio escocês e anunciou antes. A turma jogou tomate, ovo. Estupidez! Eu fui mais honroso no meu lançamento né? Não fiz alarde e ganhei pelo cansaço. Com o tempo o povo começou a usar bermuda em todo canto.



“AGORA, PIOR FOI COM NEWTON NAVARRO. ELE RESOLVEU VESTIR UM SAIOTE ESCOCÊS E ANUNCIOU ANTES. A TURMA JOGOU TOMATE, OVO. ESTUPIDEZ! EU FUI MAIS HONROSO NO MEU LANÇAMENTO NÉ? NÃO FIZ ALARDE E GANHEI PELO CANSAÇO. COM O TEMPO O POVO COMEÇOU A USAR BERMUDA EM TODO CANTO.”

E como você vê esse estranhamento que algumas pessoas têm pelo seu modo de se vestir?

Eu não tenho culpa da pobreza cultural dessa gente. Essa gente é tão pobre de cultura e de espírito. Dizem que sou linguarudo, mas não é isso não, é a verdade. Se não me respeitam! Uns zombam de mim porque sou velho, por causa do chapéu, principalmente o alunato né? Ah e o atraso espiritual também influi muito no atraso cultural. Eu sinto no ar, a minha presença incomoda, o meu esforço autodidático incomoda.

Mas muitos que te menosprezam ou riem de ti pela aparência, depois, ao te conhecerem, mudam de opinião.

Sim. Nós temos um trabalho na SPVA (Sociedade dos Poetas Vivos e Afins) de ir nos colégios e em outros lugares públicos. Na periferia eles me adoram. Quando é anunciado eles ficam esperando. Chamam: “Poeta! Poeta!” Aí eu cumprimento todo satisfeito. Mesmo quando o ambiente é arredio, digo: “Boa-tarde! Boa-noite pessoal! Vieram ver a poesia?” Canto uma música e logo eles se soltam. Mas no princípio sou estranhado.

Quem você admira na música potiguar?

Carlos Zens. É um homem simples como eu. Também gosto de Galvão.

E você canta também, né?

Eu canto em castelhano. Canto mais música hispânica. Do Rio Grande à Patagônia e da Península Ibérica.

E quem você admira na literatura e nas artes visuais?

No campo da escrita só admirei e respeitei com carinho dois homens super, hiper-cultos que eram Esmeraldo Siqueira e Câmara Cascudo, que me animavam muito, me incentivavam. E o Dr. Edgar Barbosa, ele lá e eu cá, mas quando ele se encontrava comigo me cumprimentava, tinha uma conversa inteligente, uma maneira de me elogiar.

E na pintura?

Ninguém. Porque os que acham que são pintores não me prestigiam, não me reconhecem. Como vou reconhecer essas pessoas? Não sei nem quem são!

E se sente mal com essa falta de reconhecimento?

É claro! Quem não se sente mal quando não é reconhecido? Natal pra mim é uma mulher chifreira e eu sou o cornô.

Como assim?

Ela é ingrata comigo. Olhe, já me divorciei dessa cidade. Vivo aqui porque gosto dela, mas maritalmente não tenho nenhuma alegria aqui. Tem muita gente arrogante, besta, metida a importante sem nada ser, e eu não gosto desse tipo de gente. Têm uns poucos que me respeitam, me acolhem, me admiram. E a estes retribuo com todo carinho e ternura. Os demais são simplesmente os demais. Eu sou um injustiçado nesta terra. A única instituição cultural que me acolhe há quase uma década é o Instituto Histórico. Agora na gestão de Crispiniano eu estou sendo prestigiado na Fundação, não sei se posteriormente isso vai continuar.



Grilo, última pergunta: você ainda vive intensamente cada momento?

Eu vivi a vida intensamente na boemia. Aprendi muito na boemia, não me arrependo. Sou feliz, casei com uma mulher que afinou comigo, com meu jeito de ser, me aceitou do jeito que sou, não interferiu na minha vida boêmia. Eu sou um homem feliz. E ultimamente tenho quatro famílias: a de casa, a do CEFET, a da SPVA e a da Associação das Viúvas.

Há mais alguma coisa que você queira falar?

Eu só quero o seguinte: agradecer à pequena quantidade de pessoas que me respeitam e me admiram, pela pequena quantidade em qualidade. O outro lado eu não conheço. O lado dos arrogantes, dos imprestáveis eu não conheço. E o que tenho a dizer? Amo minha ci-

dade, mas determinadas figuras que se acham importantes e prepotentes, eu não tolero. Eu ando de cabeça erguida. Meu pai dizia: seja pobre mas seja honesto, digno e ande de cabeça erguida! Um homem sem moral e dignidade não anda de cabeça erguida. Eu tomei esse conselho do meu pai. Não deixei de ser o que eu sou, cada vez mais me firmo no meu ponto de vista, no meu caráter, e pronto. Vou em frente, mas quero deixar um legado como resposta pros arrogantes: São esses quadros que tenho como resposta. É apresentando serviço que respondo.

Por sinal, por que todos os quadros estão sem assinatura?

Porque só vou assinar todos quando terminar o centésimo. Já dei autorização ao meu menino, se eu morrer antes de terminar, você termina e assina todos com seu nome, Amenhotep.

POEMAS DE

JOÃO ANDRADE

Vencedor do Prêmio Luís Carlos Guimarães 2008.

I
Procuo nos unos a minha unidade,
tudo em mim está meio,
é cheio de minhas metades.

II
Não vejo as coisas como completas,
nem mesmo quando elas chegam ao fim.
Meus poemas, mesmos depois de escritos,
ouço seus gritos dentro de mim.

III
Palavro termos ternos
buscando no efêmero
o que tenho de eterno.
wA solidão vocabulizo
e em cada rima perdida,
em cada rumo que tomo na vida,
eu me poetizo.

IV

Prendo-me aos nós dentro de nós
e cego de sol sou o que nego.
Ego-me por entre os espelhos
e espalho por sobre o muro
o futuro em que me escondo de mim,
em que me perco entre veredas de espinhos,
em que recolho meus olhos
drummonizados com as pedras no caminho.

Metade de mim é metade, a outra metade
também.

Uma metade não me cabe, a outra não me
cai bem.

Fico assim ferreiragullado buscando-me no
todo além,

Procurando em mim as metades aquém
Como se metades eu contivesse
Quando são elas que me contêm.

VI

De repente, uma pausa:
o que vai acontecer quer saber a causa.

VII

Quanta coisa me trava:
o medo, a solidão, a palavra.

Quanta coisa me cala:
a dor, o desejo, a fala.

Quanta coisa me cria:
a palavra, a fala, a poesia.

VIII

Olho para a vida e penso se haverá outras ve-
zes.

Todas as coisas estão cheias de adeuses.

IX

Para amenizar o desgosto e não afundar no
abstrato,
rasguei o rosto e assumi o retrato.

X

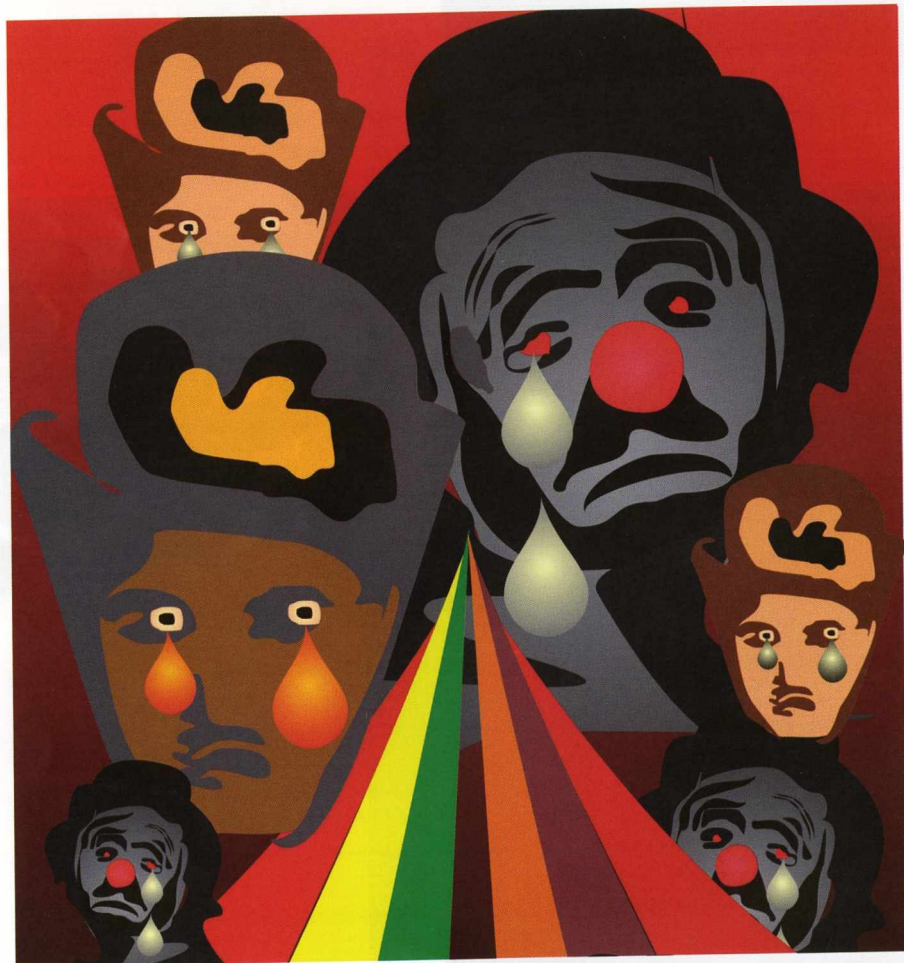
Entre o que sinto e o que digo
Há um abismo. Na penumbra, eu me abrigo.
Entre o que sou e o que cismo,
Há um abrigo. Na palavra, eu me abismo.



o Circo,

Rogério Dias

MORRE



UMA INFÂNCIA

Vai-se

Por

Norton Ferreira

Redator publicitário e cronista

O leão está faminto, atônito e abandonado. Sua juba já não ostenta mais o penteado digno de um rei. Das lembranças do picadeiro, o silêncio do aplauso borra o sorriso do palhaço. O circo está fechando, e com ele arriase de vez a lona colorida da minha infância. A cada dia, a notícia: mais um circo fechou; mais um circo tombou o mastro de uma bandeira que não tremulava mais. Leões, macacos, girafas e elefantes estão sendo largados pelo caminho. Não sabem o que fazer. Olham para nós como crianças abandonadas, querendo uma explicação, querendo mais que comida: querendo saber onde foi que a alegria errou. Nem ao menos lhes deixaram o endereço do Retiro dos Artistas.

Pelas ruas, o palhaço cantava: "Ô, raia o sol, suspende a lua!" Em coro, respondíamos: "Olha o palhaço no meio da rua!" "Ô raia o sol, suspende a lua!" "Olha o palhaço no meio da rua." "Hoje tem espetáculo?" "Tem, sim senhor!" "O palhaço o que é?" "É ladrão de mulher!" "O palhaço o que é?" "É ladrão de mulher!" Ô, raia o sol!"... Fazendo o coral, ganhávamos as entradas para o espetáculo. Era um desses circos mambembes, sem a empanada de cima, que andam pelo interior. O circo era ruim, mas o que a gente queria mesmo era ver as mirradas bailarinas dançando rumba.

Tive uma infância povoada de circo. Circo, cinema, futebol e gibi. Certa vez, pulei a cerca do Ringle Circus. Era um grande circo: com lindas trapezistas, globo da morte, atirador de facas, cachorros que jogavam bola, palhaços geniais, mágicos fantásticos e um apresentador – de fraque e cartola – que dizia: "Reeeeeespeitável público!" Sem dinheiro, pulei a cerca do circo; quando fui pego pelo braço por um vigia. Pedi para sair por o havia entrado. Ele disse que não, que eu tinha que sair pela frente, que eu para tomar uma vaia. Esse era o castigo. No caminho, era noite, de uma tenda saiu uma voz: "O que foi?" "Peguei esse moleque pulando". "Traga ele aqui". "Por que você pulou pela cerca?" "Porque minha mãe não tinha dinheiro, e eu queria assistir". "Quer assistir?" "Quero".

"Então pendure esse fiteiro no pescoço e vá vender essas balas pra mim". E agora?, pensei, o que meus colegas vão dizer de mim? Fui. Queria assistir, e o circo me queria lá dentro.

Terminou o espetáculo, fui prestar contas: vendi um pirulito Zorro e um chiclete Adams. "Só isso?" "Você pensa que eu não vi você parado?" Que você passou o tempo todo assistindo ao espetáculo?" "A senhora estava linda. Era a mais bonita de todas elas", respondi.

Ganhei um beijo na face e a promessa: "Enquanto o circo estiver aqui, você é meu convidado. Todos os dias." ■



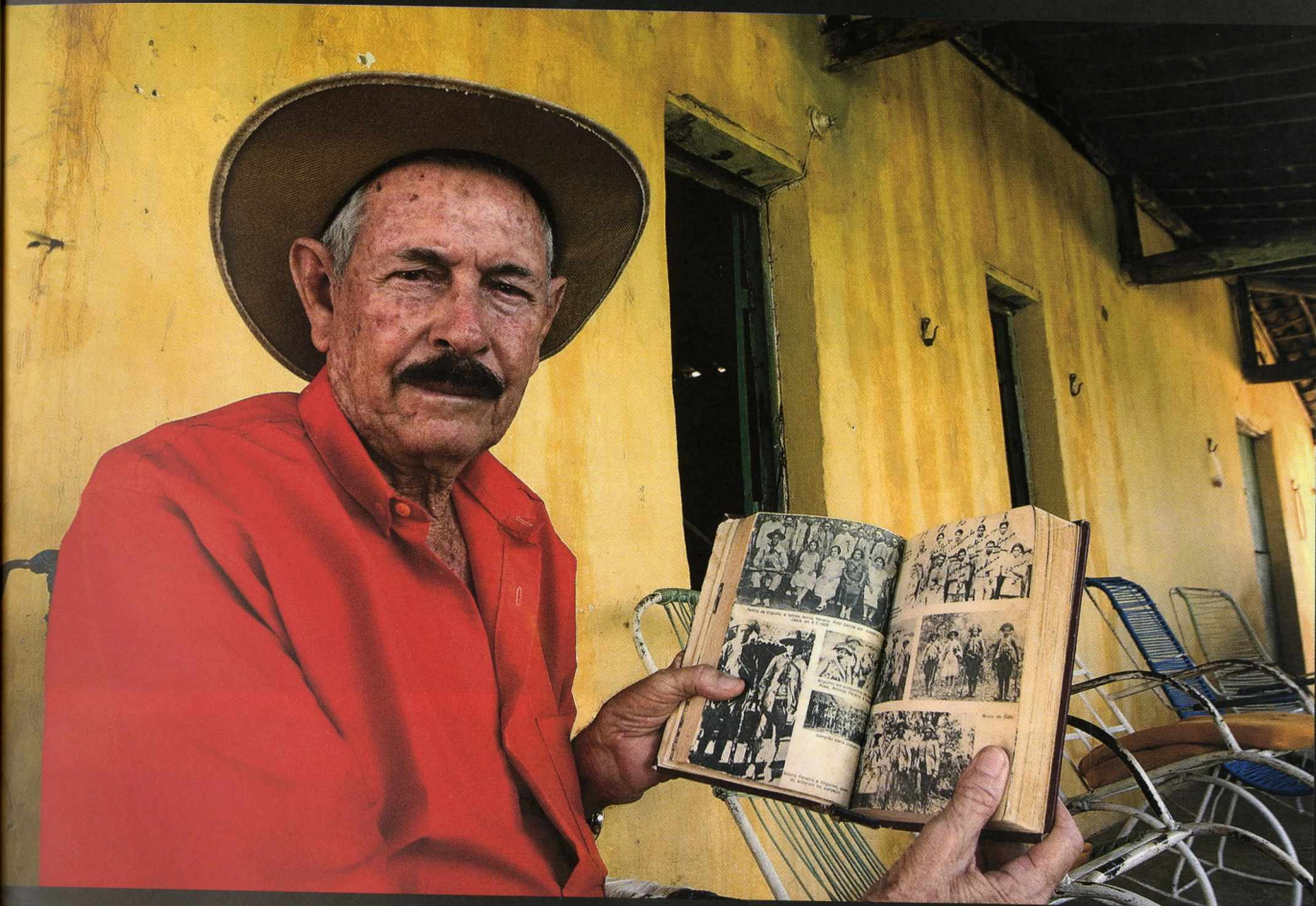


Nas pegadas de Lampião

Com o intuito de ajudar a desenvolver a tríade cultura-economia-turismo do sertão do Apodi, o Sebrae criou o Projeto Nas Pegadas de Lampião que conta ainda com o apoio do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, do MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário e das prefeituras municipais da região.

Uma das ações do Projeto é fotografar as cidades por onde passou o rei do cangaço. Durante quatro dias, sob a organização da ONG ZooN Fotografia e produção de Keila Sena, sete fotógrafos percorreram as cidades de Felipe Guerra, Apodi, Paraú, Rodolfo Fernandes, Patu, Campo Grande, Umarizal e Gov. Dix Sept Rosado. O acervo será disponibilizado para prefeituras, empresários, grupos sociais e culturais da região que assim poderão divulgar suas belezas sociais, culturais e ambientais.

Mais informações no site: naspegadasdelampiao.com.br ■



1.

Canindé Soares – Cidade de Patu, velho morador do Sítio Açude Velho que faz referência a passagem de Lampião.



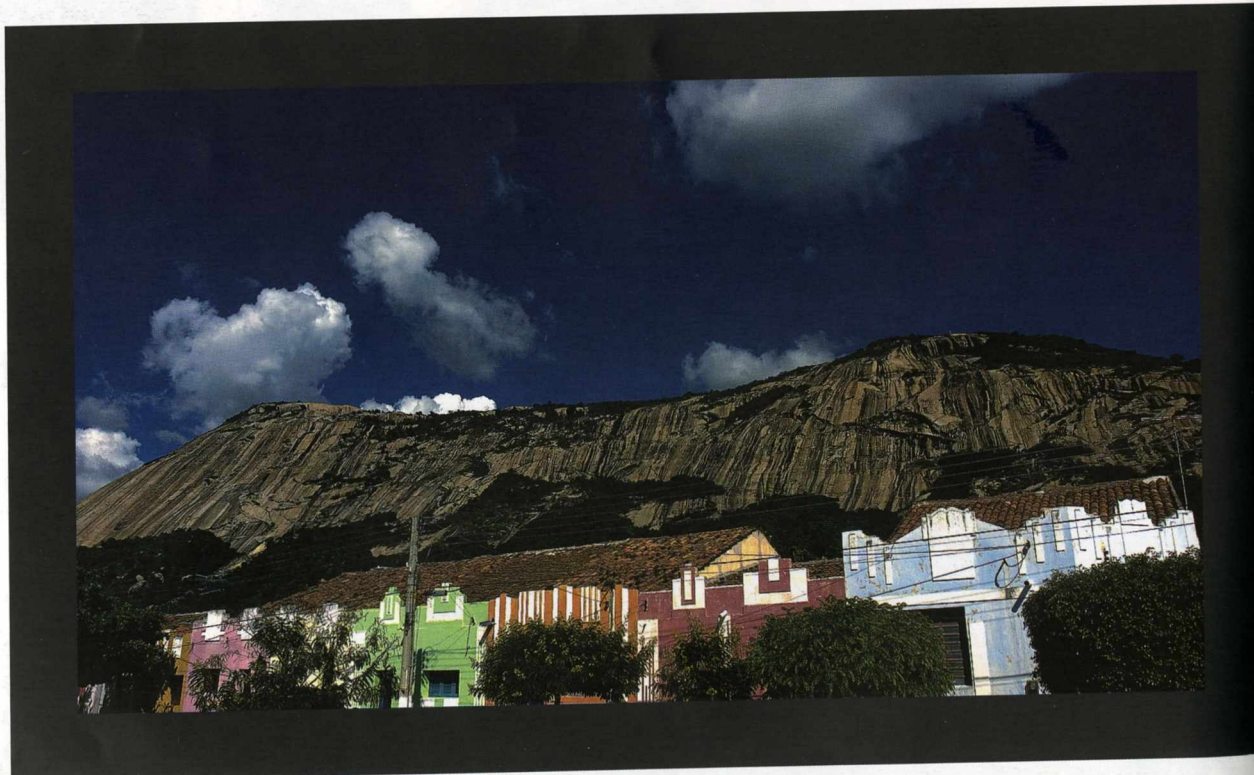
2.

Jean Lopes – Cidade de Felipe Guerra, Grupo de Boi de Reis.

3.



Max Pereira – Apodi – zoológico de pedra.



Canindé Soares – Patu, casarios da cidade.

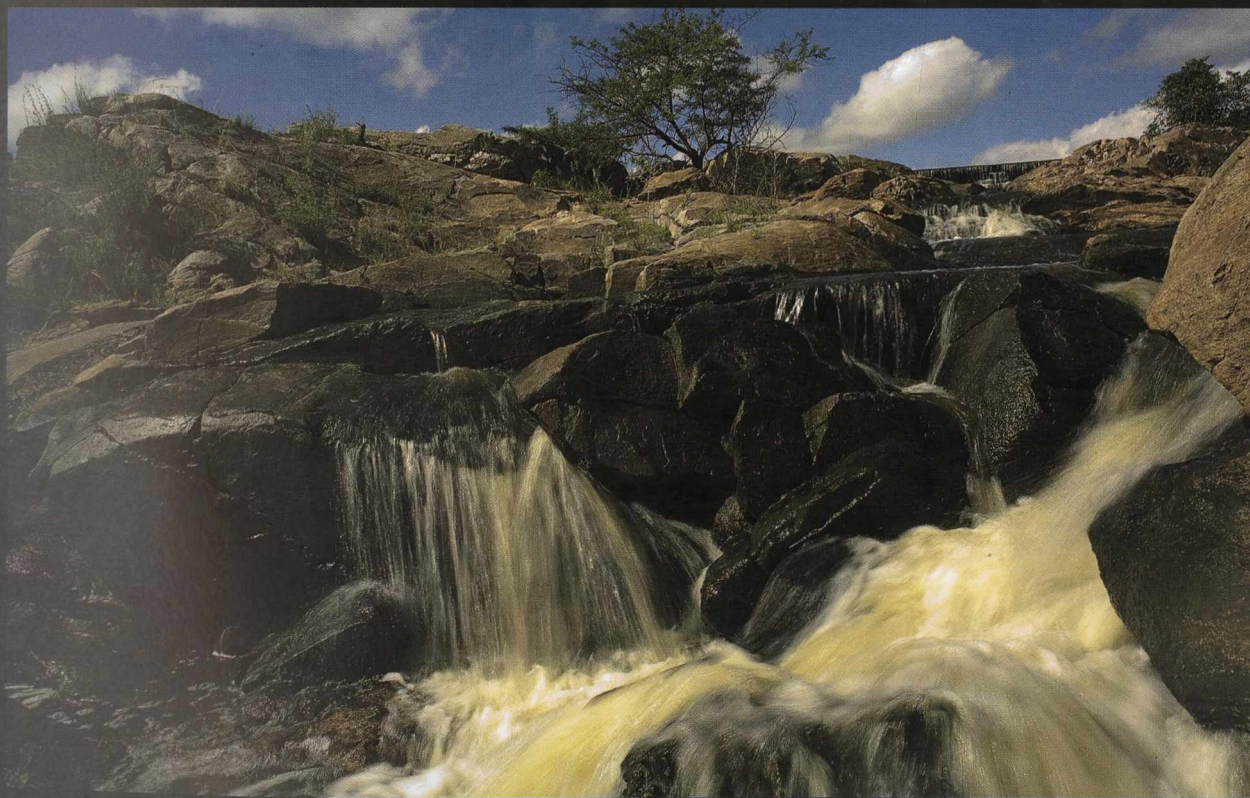
4.



Cícero Oliveira – Umarizal, SR. LOLÔ – MUSEU DO CANGAÇO.

5.

6.



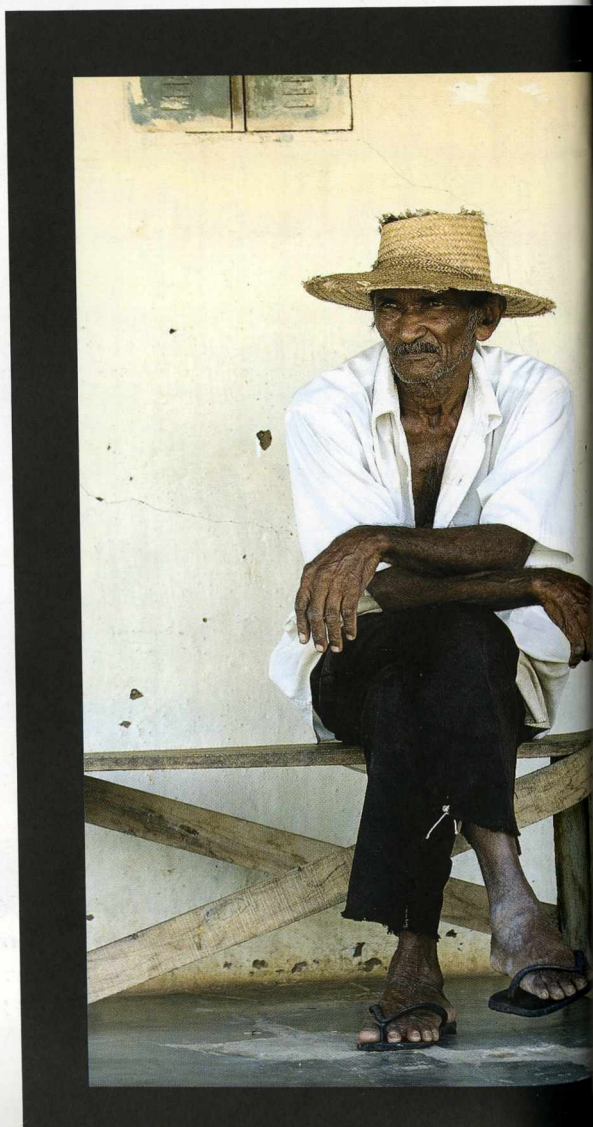
Henrique José – Campo Grande, cachoeira do Morcego, no açude de mesmo nome.

7.



Henrique José – Paraú, Fazenda xique-xique, atacada pelo bando de lampião.

8.



Jean Lopes – Cidade de Felipe Guerra, morador do sertão.



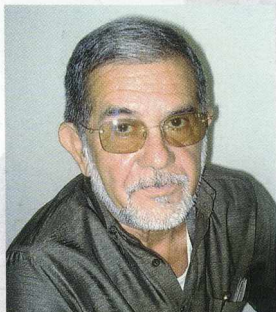
Pacífico Medeiros - Rodolfo Fernandes, pesca artesanal de tarrafa.

9.



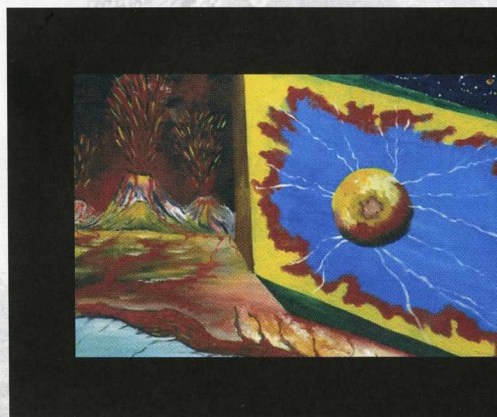
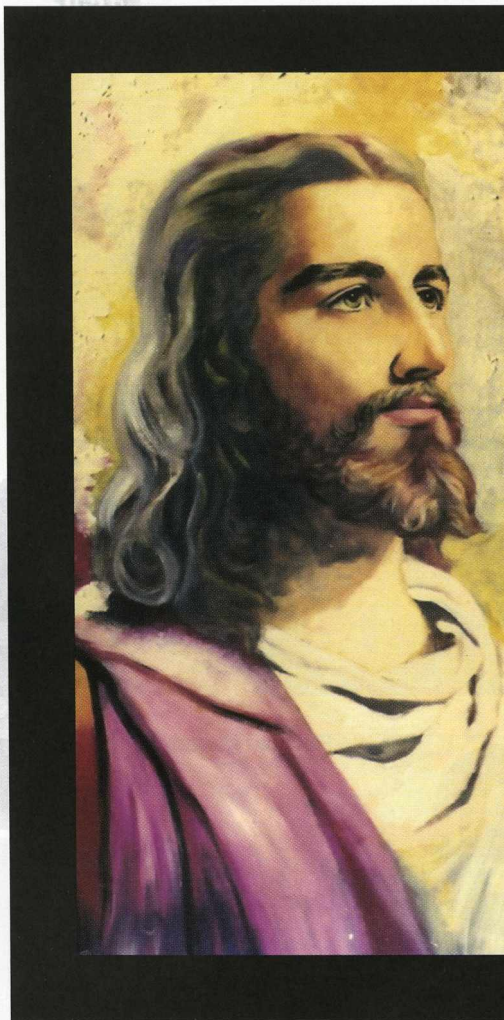
Ricardo Junqueira – Gov. Dix Sept Rosado,
COMPLEXO DO FEIO – COMUNIDADE, Rio Apodi

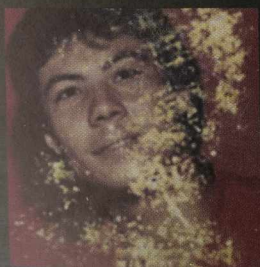
10.



Victor Hugo Zamorra é o atual presidente da Associação dos Artistas Plásticos do Rio Grande do Norte. Natural do Peru, possui como principal característica técnica a utilização dos dedos como toque final em suas obras.

Destacam-se em suas pinturas os retratos de pessoas e os quadros que ironizam o comportamento humano.





CINEMA

e Ficção Científica

Por

Nelson Marques

Professor do NUDICT – Núcleo de Comunicação em Cultura, Ciência e Tecnologia, MCC/UFRN, CCN - CineClube Natal

Uma das afirmações filosóficas de Einstein se revela, hoje, de fundamental importância: em épocas complexas, como a que tivemos nestes tempos modernos, a imaginação é mais importante que o conhecimento. Daí que o cinema, como forma máxima de expressão da imaginação, nunca deixou de lado a produção de filmes de ficção científica, muito pelo contrário, pois a imaginação se realiza de maneira ímpar através deste gênero de filmes. A ficção científica tem sido um tema constante na história do cinema. Talvez só mesmo o “western” tenha tido uma presença mais marcante. É interessante constatar que o cinema, nos seus mais de 100 anos de existência, não deixou nenhuma década de todo o século XX, sem uma produção expressiva e/ou importante de ficção científica. A qualidade das produções pode variar, mas elas nunca deixaram as telas. Isso desde as experiências pioneiras no cinema que surgiram da curiosidade de alguns homens pelos mistérios da ciência e da tecnologia. Por exemplo, George Méliès, diretor de Viagem à Lua, realizado em 1902! A motivação básica para a realização dos filmes permanece praticamente a mesma desde essa época, ou seja, a atração pela ciência, pela tecnologia e pelas utopias como possibilidades de construção de mundos diferentes, mesmo que não necessariamente melhores.

A PARTIR DE MÉLIÈS FAREMOS UMA VIAGEM FICCIONAL SELECIONANDO, DESTACANDO E COMENTANDO ALGUMAS DAS PRODUÇÕES MAIS MARCANTES DESTES ANOS TODOS. VIAJAREMOS POR GALÁXIAS DISTANTES, ENCONTRAREMOS CRIATURAS ARREPIANTES, VILÕES, ESPAÇONAVES, ROBÔS E SUPERCOMPUTADORES... VAMOS NOS DEPARAR COM A FIGURA CLÁSSICA DO CIENTISTA MALUCO, EM GERAL SEMPRE MUITO CRIATIVO, E “REVER” FILMES QUE NOS EMOCIONARAM AO LONGO DOS ANOS E QUE PERMANECERÃO PARA SEMPRE ARQUIVADOS EM NOSSA MEMÓRIA AFETIVA E/OU INTELLECTUAL.

Como esta é uma escolha pessoal, ela estará sujeita a... “chuvas e trovoadas”, ou seja, a críticas e a reclamações e discordâncias em relação às escolhas feitas. Que cada um elabore as suas próprias listas, tendo como critérios os filmes clássicos, os famosos, os aclamados pela crítica, ou pelo público, ou por critérios pessoais de afetividade e amor pelo cinema e

pela ficção científica. Mas gostaria de destacar que as minhas escolhas tiveram critérios de seleção de filmes pela apresentação de novas idéias, por terem méritos artísticos, por representação exemplar de épocas passadas e, porque não, futuras. Além disso, os filmes, não só os de ficção científica, servem de espelho... da própria consciência humana!!!

A minha lista dos dez filmes de ficção científica, que considero os mais marcantes, começa em 1902, com o filme de George Méliés, Viagem à Lua, e termina em 1999, com Matrix, dos irmãos Wachowski. Entre os dois extremos, cito, por razões variadas, como veremos em seguida, Metrópolis (1926), de Fritz Lang, A Mulher na Lua, também de Fritz Lang, realizado em 1928, Veio do Espaço (1953), de Jack Arnold, Planeta Proibido, de Fred McLeod Wilcox, 1956, 2001, Uma Odisséia no Espaço, de Stanley Kubric, 1968, A Laranja Mecânica, também do Kubric, 1971, 1984, de Michael Redford, realizado, "coincidentemente", em 1984, e RoboCop: O Policial do Futuro, de Paul Verhoven.

Que razões fundamentaram as minhas escolhas? Várias. Para os primeiros cinco: Viagem à Lua, um filme mudo, é exemplo de cinema em sua infância, onde aparecem as primeiras trucagens e aonde o cinema vai além da realidade e mergulha no mundo dos sonhos, sendo diversão pura e simples num espetáculo burlesco, bem ao gosto da época. Foi uma das primeiras adaptações de um livro para

o cinema (Da Terra a Lua, de Júlio Verne); em Metrópolis, temos uma visão de futuro numa versão expressionista, mostrando já os primeiros sinais de uma sociedade dividida em classes e no próprio espaço da cidade, mostrando a figura clássica do cientista louco e a presença de autômatos. É interessante comparar este filme com uma visão "mais moderna" da sociedade como visto em Blade Runner; já a "segunda" viagem à Lua, A Mulher na Lua, destaca-se por ser o primeiro filme realista sobre viagens espaciais, tendo como consultor um dos pioneiros



Rogério Dias

Cinema de Ficção Científica

da astronáutica, o cientista alemão Herman Oberth. É um filme "científico", mostrando os efeitos da aceleração e da ausência da gravidade e por ter criado a famosa contagem regressiva no lançamento. Serviu de modelo de cinema e objeto de cópias e mais cópias no futuro. Serviu também de modelo, em anos futuros, para a repressão política sobre o pensamento e o cinema: determinação expressa de Hitler levou à apreensão das cópias e destruição de todas as maquetes e cenários do filme; com o filme Veio do Espaço, os alienígenas chegam à Terra. É o primeiro filme a mostrar isso, com os alienígenas assumindo aparência humana (compare com o filme Vampiros de Almas, de 1956 e a série de TV Os Invasores, de 1967-1968). Também foi o primeiro a utilizar cenários naturais como imagens de outros planetas (deserto da Califórnia); Planeta Proibido traz Shakespeare e Freud para o cinema: é uma versão futurista da peça A Tempestade, com armas vaporizadoras, minitransmissores portáteis, etc. e os monstros criados pelo Id e o inconsciente. Criou o caminho para todas as versões mais "modernas" como Jornada nas Estrelas, Perdidos no Espaço, entre outros. Além disso, o filme tem um "design" típico dos anos 50 e o uso de uma trilha sonora surpreendentemente eletrônica.

A lista dos últimos cinco filmes traz algumas características interessantes, que motivaram a sua escolha: 2001, Uma Odisséia no Espaço efetua um mergulho quase que "real" no espaço. É o aparecimento da moderna tecnologia dos efeitos especiais. Nenhum outro filme transmitiu tão bem a imensidão do Universo, da solidão e da pequenez do homem diante das estrelas. Tem um "design" artístico inspirador de dezenas e dezenas de outros filmes e o uso surpreendente do silêncio como parte importante da história. Apresenta ainda uma das mais impressionantes visões sintéticas da evolução humana; por outro lado, o outro filme de Kubrick, Laranja Mecânica é o pesadelo! Se 2001 foi um sonho futurista, este é o pesadelo, a distopia individual e social, onde impera a baderna social numa cidade imunda, com o medo constante de gangues e da repressão e controle político-social. É a representação do estado autoritário, onde se faz o "enquadramento" social da delinqüência, incluindo métodos de lavagem cerebral; outra distopia é mostrada no filme 1984, baseado no romance futurista homônimo de George Orwell, 1984. É uma distopia do futuro, com a representação dos pesadelos do século XX: liberdade, controle, estado autoritário e repressivo e a criação da figura do "Grande Irmão" que tudo vê e controla. É interessante comparar as diferentes versões entre si (há pelo menos três). Veja, também, Fahrenheit 451, THX 1138, e outros; o filme seguinte, Robocop: O Policial do Futuro, traz não mais o medo dos seres do espaço. O medo é gerado aqui mesmo..., pois perguntamos se o robocop já não seria o policial de hoje? O filme trabalha com a questão da violência social, a ação de gangues (novamente), a fusão do homem com a máquina e a criação do "cyborg" invencível como solução final de tudo. Seria essa a solução futura mesmo? O filme traz também a sátira como linguagem,

É IMPORTANTE DESTACAR QUE AO SELECIONAR OS FILMES DE FICÇÃO CIENTÍFICA IMPORTANTES DA HISTÓRIA DO CINEMA, APENAS DEZ DELES, QUANDO SERIA POSSÍVEL REALIZAR INÚMERAS OUTRAS ESCOLHAS, ENTRAMOS NA SEARA, SEMPRE PASSÍVEL DE CRÍTICAS, DAS ESCOLHAS PESSOAIS, MESMO QUE MUITOS DELES JÁ SEJAM CONSIDERADOS CLÁSSICOS DO CINEMA



dentro de uma estética de quadrinhos num filme que sintetiza o dilema de nossa época: liberdade, controle, ação, repressão, autoritarismo...; finalmente, podemos dizer que a realidade virtual chegou, mesmo, com Matrix. É a nova realidade... do computador..., dos espaços virtuais..., do mundo "inexistente", ou seja, o mundo da realidade virtual! Chegamos aqui aos efeitos visuais e especiais na sua expressão máxima, onde a "máquina dos sonhos", é a nova fonte da realidade. Tem também muitas referências teológicas e filosóficas: Neo, o novo Messias, Trinity, a nova Trindade, Morpheus, o "Sonho" dos humanos, Zion, ... a Terra Prometida.

É importante destacar que ao selecionar os filmes de ficção científica importantes da história do cinema, apenas dez deles, quando seria possível realizar inúmeras outras escolhas, entramos na seara, sempre passível

de críticas, das escolhas pessoais, mesmo que muitos deles já sejam considerados clássicos do cinema. Nem todos os escolhidos são filmes famosos ou aclamados pela crítica. Mas muitos são importantes por terem introduzido idéias que serão objeto de cópia por outros filmes e séries televisivas, ou então pelos seus méritos artísticos, ou pelas idéias que apresentaram e pelo modo como representaram o espírito de uma época. Sem nenhuma dúvida muitos dos filmes de ficção científica serviram de espelho para a consciência humana ao longo do século XX e no início deste século XXI. Foram neles que ficaram gravadas as esperanças e os temores de cada uma das décadas, ou de cada geração. Ontem, como hoje, e certamente amanhã, a ficção científica continuará a mostrar sua presença na história do cinema. ■

Artes Cênicas | Teatro.

Os Wanderley e o Teatro no Rio Grande do Norte

Por
Racine Santos

A HISTÓRIA DO TEATRO NO RIO GRANDE DO NORTE PASSA PELA FAMÍLIA WANDERLEY. POR MAIS DE UM SÉCULO SEU NOME ESTÁ EM CENA. ATUANDO, DIRIGINDO, PRODUZINDO, ESCRIVENDO, ESSA FAMÍLIA ALIMENTOU A RIBALTA POTIGUAR COMO EXEMPLO ÚNICO DE VOCAÇÃO FAMILIAR. DE 1865, COM LUIS CARLOS LINS WANDERLEY, ATÉ 1972, COM SANDOVAL WANDERLEY, MAIS DE CEM ANOS, A FAMÍLIA NUNCA DEIXOU DE TER UM DOS SEUS MEMBROS LIGADOS AO TEATRO.



Fotos retiradas de: Wanderley, Walter. Família Wanderley, História e Genealogia. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1966.

Luís Carlos Lins Wanderley trazia a marca do pioneirismo. Poeta, Deputado, Vice-Presidente da Província, Comendador do Império da Ordem da Rosa, foi o primeiro norte-rio-grandense a se formar em medicina, estudando na Bahia. O primeiro romance escrito e publicado entre nós foi dele: *Mistérios de um Homem Rico*. Como Dramaturgo escreveu os dramalhões: *A Restituição*; *Amor de um Anjo*; e *O Anjo da Noite*, além da comédia *Prêmio de Viúva*. Quando a Companhia de Francisco Xavier dos Santos passou por Natal em 1865, depois de conquistar o público com um vasto e variado repertório, encerrou sua temporada na cidade com a apresentação de uma peça de Luís Carlos Lins Wanderley, *O Riso da Dor*. Historicamente é a primeira peça de um autor norte-rio-grandense, montada por uma Companhia de profissionais. Seguindo os passos de Luís Carlos, veio seu filho, *Manoel Segundo Wanderley*. Também médico formado na Bahia, retornou a Natal em 1889 para animar os arraiais culturais da província. Segundo Wanderley, nascido em 1860 e falecido em 1909, escreveu dramas ruidosamente românticos como seu pai. Câmara Cascudo, na *História da Cidade do Natal*, afirma: *Fez o teatro velho, mas fez, e este teatro agradou*. Sua peça *Brasileiros e Portugueses* foi representada pela primeira vez em um casarão alugado no bairro da Ribeira, em 1897. Depois escreveu e fez representar: *Amor e Ciúme*; *A Rainha do Bosque*; *A Província*; *As Três Datas*; *Noiva em Leilão*; *Dramas da Seca*; *Então o Céu e a Terra*; e outros. É autoria a primeira peça de teatro de revistas teatrais, modalidade em que mais se destacou.



Ezequiel Wanderley morreu em 1933, e deixou as peças: *Mortalha de Rosas*, seu único drama escrito para o palco; e as comédias: *Tia Quitéria*; *Como Isto Aqui Está Mudado*; *Os Cajus de Papai*; e *República dos Bichos*. Escritas por ele, o Ginásio Dramático encenou as revistas: *Papa-jerimum*; *Cadê Você*; *Ela e as Outras*; e *Guriatam dos Coqueiros*. Em 1927, Ezequiel publicou o livro: *Meu Teatro*.

José Guimarães Wanderley (1905-1982) foi o primeiro norte-riograndense a viver profissionalmente de teatro e alcançar uma dimensão nacional. Em 1922 deixou Natal para ir morar, definitivamente, no Rio de Janeiro, onde começou a se envolver com teatro. Sua primeira peça encenada foi *Compra-se um Marido* em 1933, tendo Procópio Ferreira a frente do elenco. Do vasto repertório de José Wanderley podemos citar: *Criadas Modernas*; *Pertinho do Céu*; *Você*; *Especialista em Coração*; *Era uma vez um Vagabundo*; *Uma vez na Vida*; *O Beijo que era Meu*; *Papai Fanfarrão*; *Tudo por Você*; *Papai Luxo*; *Amanhã é dia de Pecar*; e outras.



Jaime Guimarães Wanderley (1897) desenvolveu intensa atividade intelectual em Natal. Poeta, Jornalista, Orador e Dramaturgo herdou da família a facilidade e o hábito de versejar. Seu primeiro livro de versos: *Fogo Sagrado* recebeu elogios e referências de João Ribeiro e Agripino Grieco. Formou-se pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de Recife, em 1921. Para o teatro Jaime Wanderley, escreveu: *O Homem que Perdeu a Alma*; *Alguém Chorou a Pedida*; *Praieira dos Meus Amores*; *Uma Noite em Tambaú*; *Escrava do Coração*; *Devassa*; *Uma Mulher Só*; *Dinorá*; *A que não Perdoou*; e

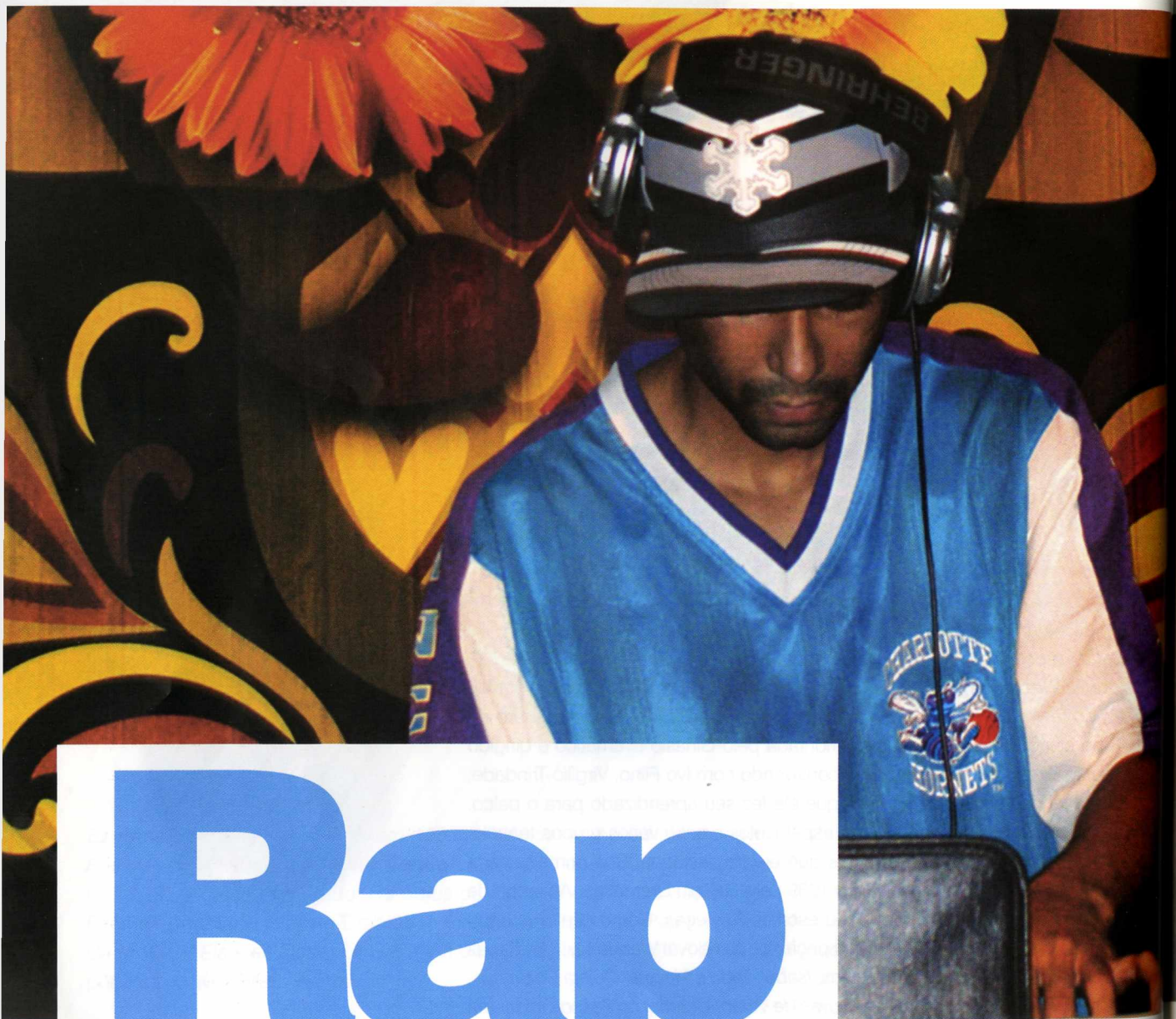


O *Cortejo não Tardou*. Além de escrever para o palco, Jaime Wanderley escreveu ainda várias novelas para o rádio, entre elas: *Vingança que Redime*; *Porque me fiz Criminoso*; *Espinhos da Encruzilhada*; e *O Crime da Rua Sem Nome*.

Sandoval Wanderley (1893-1972) é sem dúvida uma das maiores personalidades do teatro do Rio Grande do Norte. Começou como ator, em outubro de 1914, no elenco da peça *Dedução*, montada pelo Ginásio Dramático e dirigido por seu tio Ezequiel Wanderley. E foi convivendo com Ivo Filho, Virgílio Trindade, Jorge Fernandes e seu tio Ezequiel, que ele fez seu aprendizado para o palco. Sandoval, além de ator, foi diretor de espetáculos e criou vários grupos teatrais. Mas foi como autor de peças teatrais que ele se destacou. Sua primeira peça escrita foi *Taberna Azul*, encenada em 1939 pelo Grêmio Dramático. Ao longo de sua carreira como dramaturgo, deixou escritas 31 peças. Como diretor chegou a dirigir 87 espetáculos. Algumas das peças de Sandoval Wanderley: *Um Rapaz Direito*; *A Enfermeira*; *Tempos Modernos*; *Isabel*; *Tudo é Mentira*; *Quinta Coluna*. *Ingratidão*; *A Vida é uma Nota Falsa*; *Chuvas de Verão*, *Coronel no Passo*, *Julgai-me Senhores*, *Os Culpados*; *Pare Por Favor*; *Tinha que Acontecer*; *Um Corpo Caiu na Madrugada*; *A Terra não é de Ninguém*; *Beco da Quarentena*; *Por causa de uma Minissaia*; *Padre Miguelinho*; *Um Marido mais ou menos Fiel*; e outras. E janeiro de 1972, ele escreveu e montou sua última peça, a comédia *Um dos Três é o Pai*. Além desses nomes dos Wanderley que se destacaram principalmente na produção de textos teatrais, temos ainda Stela Wanderley, que escreveu: *O Testamento de Perpétua*; *Amor na Roça*; *Sonho ao Luar*; *Sinos de Natal*; e *No Parnaso*. Dessa maneira podemos afirmar que realmente foi importante a presença dos Wanderley no teatro do Rio Grande do Norte. ■



Música.



Rap

Por:

Juliana Manzano

Fotos:

Juliana Manzano e Divulgação

Potiguar

“

DE TODOS OS ESTILOS MUSICAIS, O RAP É O QUE MAIS SERVE COMO UM MEIO DE INFORMAÇÃO”

Preto Bronx



Composto pelos rappers Preto Bronx e JH Gofu e pelo DJ Pingorá, o grupo de rap potiguar Nordestenato, pretende expandir a música, desmistificar e transformar o rap em uma opção musical e popular também aqui no Nordeste.

Na estrada há cinco anos, o grupo lança ainda este semestre, o álbum “Daqui de cima mas de igual pra igual”, que conta com 14 faixas e participações de vários artistas nordestinos. Segundo o rapper Preto Bronx, o nome do CD se deve à localização geográfica do Rio Grande do Norte, que está na parte mais alta do mapa do Brasil e, também, para mostrar que aqui no Nordeste também existem bandas de qualidade, no mesmo nível do Sudeste do país.

A evolução do grupo, acontecimentos do dia-a-dia e assuntos inerentes ao mundo inteiro como as guerras, o aquecimento global e o preconceito racial são alguns dos temas tratados nas músicas desse álbum. “De todos os estilos musicais, o rap é o que mais serve como um meio de informação sobre o que acontece no mundo e, por

meio dele, procuramos fazer um ‘alerta’. Às vezes, as pessoas não prestam muita atenção no que acontece ao seu redor, mas atraídas pela batida da música, começam a escutar a letra e aí vão realmente entender a mensagem que estamos querendo passar”, explica Preto Bronx.

Com batidas fortes, melodias marcantes e letras com um clima de romance, como é o caso de ‘A noite é nossa’ e ‘Yo quiero bailar’, o grupo pretende atrair não só os adeptos ao hip hop, mas também aqueles que não conhecem o estilo. De acordo com o rapper JH Gofu, “o álbum está bem abrangente porque não se limita só a um tipo de público. Cada faixa é bem diferente uma da outra, tem músicas leves para aqueles que gostam de ouvir e conversar, tem outras mais fortes. “Daqui de cima mas de igual pra igual” foi feito para agradar a todos. Falamos sobre temas sérios, mas não podemos nos prender só a eles, temos que falar sobre coisas alegres também. Então, nada melhor do que descrever a nossa noite potiguar que é onde a gente se encontra e se diverte”.

Música.

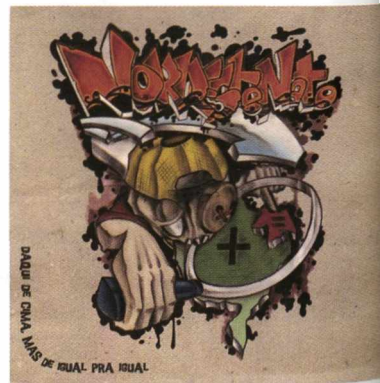


A preocupação com os outros elementos da cultura *hip hop* também é fortemente presente no Nordeste. Esta é composta por quatro elementos: a arte visual (grafite), a dança (*break*), a batida levada pelo DJ e as rimas, pelos rappers. A fim de valorizá-los, os meninos do Nordeste procuram unir todos esses elementos em suas apresentações. “Temos um pessoal muito bom aqui em Natal, mas que ainda é desconhecido, por isso, sempre que podemos, incluímos o pessoal do *break* e do grafite em nossos shows. É uma forma de divulgá-los, assim como, a capa do nosso novo álbum que foi feita por um ‘grafiteiro’ daqui. Queremos difundir todos os elementos do *hip hop*, não só o rap”, afirma Preto Bronx.

O envolvimento com o trabalho social também é outro fator importante para o grupo. Por meio de encontros de basquete realizados pela Central Única de Favelas (CUFA/RN), JH Gofu dá aulas de basquete para crianças carentes. “O esporte tem o poder de tirar crianças das ruas, das drogas e coloca-la nas quadras. A maior parte delas tem muita energia, mas não sentem interesse na escola, não têm foco, nem disciplina. Quando elas têm a oportunidade de conhecer um esporte ficam mais disciplinadas, criativas e se mantêm mais focadas nos estudos. O basquete deixa de ser uma lenda dos guetos para se tornar um estilo de vida”, enfatiza o rapper.

Além disso, ele também é alfabetizador voluntário de crianças, jovens e adultos em projetos nos bairros de Cidade Satélite e de Brasil Novo, na Zona Norte de Natal.

Já Preto Bronx costuma participar de projetos sociais ligados à cultura *hip hop*,



**Grupo Nordestenato que mistura grafite, break,
a batida dos DJ e as rimas dos rappers**

como os desenvolvidos pelas organizações não-governamentais 'Zuzu Angel' e o 'Instituto Manamaué'. Bronx também foi o fundador da Organização Comunitária Alternativa do Hip Hop, mais conhecida como Oca do Hip Hop, que, como o próprio nome diz, servia como alternativa para incluir pessoas do movimento a participar socialmente e estimular o surgimento de novos grupos de rap. Apesar de todos os projetos feitos paralelamente, este ano, o grupo está focado na divulgação do novo álbum e na gravação do videoclipe 'A noite é nossa', que já se encontra em fase de pré-produção. ■



Música.

Música,
poesia e delicadeza :
Delicatto.

Por

Michelle Ferret

Fotos

Rodrigo Sena

“Ouço vozes, ouço mexer-se inquieto nas cadeiras...

**É o silêncio que se comprime procurando uma fenda, um filete que o faça entrar, pairar,
Ser invadido pela voz do invisível que grita por comunhão;**

É o silêncio esperando ser tocado pelos instrumentos que se enlaçam para sacudir o hoje.

É a música, é a música que chega, Que arde por contemplação fazendo de cada um de nós

Um latejar de órfão, ávido pelo abraço do cobertor que aquece.

É a música entrando, acariciando, como uma gota de orvalho que desce lentamente,

Brincando com os sentidos da folha, Num momento solitário, delicado, Delicatto.”

(Texto de Vânia Aurélio para o Delicatto)

Atravessar as fronteiras entre o erudito e o popular e levar a música para um público abrangente e aberto a releituras. É nessa harmonia, que canções conhecidas como “Melodia Sentimental” de Villa Lobos e “Habanera”, da ópera Carmem de G. Bizet, são vestidas pelo grupo Delicatto e ganham arranjos novos e preciosos. Formado por Hilkelia Carlem (soprano), Gláucia Santos (violino), Ailson Saraiva (Violoncelo) e Teresa Quintiliano (piano), o grupo surgiu em dezembro de 2004 trazendo o desejo de popularizar a música erudita - numa seleta escolha do repertório - inserindo nele doses fortes de experiências pessoais e poesia. “Por mais que façamos o mesmo espetáculo diversas vezes, ele será sempre único. É como ler um livro, a cada página, uma sensação diferente, depende do seu estado de espírito. Não temos como transmitir com palavras, a música fala por si e é tudo”, contou a pianista Teresa Quintiliano.

No folhear do livro, o primeiro espetáculo do grupo foi intitulado “Nella Fantasia”. Apresentado diversas vezes em Natal, João Pessoa e Mossoró - sempre com casas cheias - os momentos musicais são divididos com a beleza do cenário - feito por Jorge Henrique - que leva o público a passear por florestas desconhecidas, onde cabe a imaginação. O figurino, assinado por Ricardo San Martini, também traz aos olhos, um pouco mais de sensibilidade, quando o primeiro ato

do Nella vivencia os momentos mais intensos da música universal, com destaque ao barroco. O segundo ato, mais pop, traz a cantora com a roupa leve, clara e um cenário que lembra um céu estrelado numa noite calma.

Na atmosfera desses cenários, o violino faz uma viagem pelos países distantes, quando Gláucia Santos carrega em suas influências canções de filmes, músicas clássicas e antigas. “Falar sobre o trabalho do Delicatto é falar das emoções - somos invadidos, surpreendidos, mas nem sempre definimos o que está acontecendo. Cada canção escolhida conta o que somos e nos apresenta o universo do outro”, disse a violinista. O definir dito por Gláucia é o despreendimento dos músicos criadores em relação à repercussão de suas idéias. Para o arranjador Ailson Saraiva o Delicatto é expressão, sentimento e sua forma de comunicação. “É através das canções que a gente cria pontes com o resto do mundo. A música não tem fronteira, ela é abstrata e invade tudo. Cada arranjo, cada detalhe que colocamos nas músicas são como toques de cores em telas de pintura”, disse o músico Ailson Saraiva. Na beleza da sonoridade, a vocalista Hilkélia Carlem é o traço fino dessa pintura, quando reúne em si a força de uma voz que consegue transformar. Como disse o poeta potiguar Gilmar Leite depois de assistir ao espetáculo do Delicatto, “Ouvir

NÃO SE SABE AO CERTO QUAL A ÉPOCA. NO BRASIL CHEGOU NO SÉCULO XVI, NA REGIÃO COSTEIRA, ENTRE COMUNIDADES DE PESCADORES. AS RENDEIRAS CEARÁ-MIRINENSES, TODAS ELAS, APRENDERAM COM AS MÃES OU PESSOAS MAIS VELHAS. E NENHUMA DAS MAIS DE DEZ RENDEIRAS DE HOJE – EM MEIA-IDADE – TEM DESCENDENTES INTERESSADOS EM PERPETUAR A TRADIÇÃO.



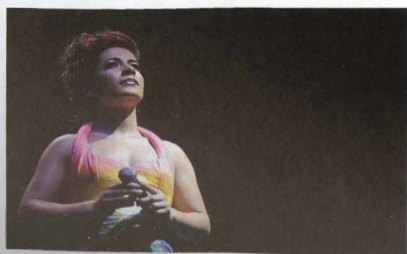
a voz de Hilkélia Carlem é mergulhar no infinito cósmico dos sons mais delicados. Escutá-la, enobrece a alma, e nos leva à condição divina, tocando cada ínfima e secreta parte da nossa alma, dando mais paz e conforto, nesse tempo de barulho, propagado por tanta turbulência de valores vazios, que nada contribuem para a grandeza humana”, disse o poeta.

E não é só ele que se rende ao encanto da voz de Hilkélia, depois de cada espetáculo os ouvintes se impressionam com a qualidade, como a comerciante Cláudia Maria de Sá. “Nunca vi algo parecido durante toda minha vida como esse espetáculo e a voz de Hilkélia parece um sonho”, disse.

Esse sonho foi possível devido à idéia da produtora Tatiane Fernandes de estimular a formação do grupo para realizar a montagem de um espetáculo. “O objetivo era transformar a “caixa mágica”, o palco, numa nave de condução a um mundo melhor, unindo a música a outras expressões artísticas”, contou Tatiane Fernandes. Uma dessas expressões é a dança flamenco que entrou em cena na presença da bailarina Bibiana Esteves, interpretan-

do “Carmem” em Habanera. Nesse caminho outros artistas foram convidados para integrar e realizar este sonho. Na trajetória do grupo destacam-se participações de: Eduardo Taufic – teclado e efeitos, Edmilson Cardoso e Fernando Suassuna – bateria, Juliano Ferreira e Arcésio Santos – violões, José Fernandez e Victor Queiroz – barítonos, Michelle Ferret – percussão, Ana Grova – narração, Vânia Aurélio – poetisa, Jorge Henrique – cenografia e designer gráfico, Gelysson Tavares – maquiagem e produção de cabelos, Eduardo Pinheiro – engenheiro de som, Marco Trigueiro – iluminação, entre tantos profissionais envolvidos na criação e montagem do espetáculo. “Um show que apresenta músicas de diversas referências com arranjos e intenções sonoras próprias do grupo. No repertório, canções como Nella Fantasia, de Ennio Morricone, referências a óperas e grandes musicais, como Cats e Fantasma da Ópera, releituras de trilhas sonoras, além de músicas instrumentais do mundo com destaque a Loreena McKennitt.

O trabalho já percorreu uma grande estrada desde sua estréia no pequeno teatro da Casa da Ribeira, pas-





sando várias vezes pelo Teatro Alberto Maranhão, participações no projeto Seis e Meia, chegando a Mossoró, ao estádio do Machadão no Festival de Música de Natal, até João Pessoa, na programação do XII FENARTE com mais de 4 minutos ininterruptos de calorosos aplausos. No planejamento do grupo está a produção de uma turnê pelo Nordeste, passando por: Fortaleza, Mossoró, Natal, João Pessoa, Campina Grande, Garanhuns e Recife, para este ano o grupo está em fase de montagem de seu novo trabalho, em processo de criação há aproximadamente cinco meses.

Essência do Tempo

COMO CONTINUIDADE À PROPOSTA INICIAL QUE CRIOU O NELLA FANTASIA, O NOVO CONCERTO DO GRUPO VAI ALÉM DE UMA SIMPLES EXPERIÊNCIA MUSICAL E TRAZ A POESIA PARA RESPIRAR ENTRE OS ACORDES. COMO UMA OBRA DE ARTE, O ESPETÁCULO UNE DIFERENTES EXPRESSÕES ARTÍSTICAS

Depois desta longa pesquisa sobre diferentes canções tocadas nas arestas do mundo, o grupo Delicatto estreou em janeiro de 2009 o espetáculo "Essência do Tempo". como as artes visuais exploradas nos figurinos pelas mãos de Ricardo San Martini e na cenografia de Tatiane Fernandes, norteadas pela inspiração na artista Sandra Cinto com a instalação "Noites de Esperança". Com a simples leveza de ser tempo e sem tirar dele o peso de existir nos homens, o Delicatto executa canções como "Papa Can You Hear Me" de Michel Legrand, "Renegade" e "Deliverance" de Yanni, "Romeiro ao Lonxe" da versão do grupo Luar na Lubre e "A Voz da Tela" de Oswald Montenegro e Márcio Guimarães, representando a música brasileira. A escolha do repertório é fruto de influências de cada um dos componentes do grupo. Segundo a direção artística do grupo, feita por Hilkelia Carlem, Glaucia Santos e Tatiane Fernandes, a linha de condução da pesquisa partiu das melodias que tocavam o grupo. Nesse tecer de idéias e sentidos, cada integrante trouxe um referencial. Ailson Saraiva (violoncelo e contrabaixo) sugeriu a canção "Always With You Always With Me" de Joe Sartriani devido a admiração pela sonoridade da guitarra. Enya e Yanni vieram através de Glaucia Santos (violino), Nessun Dorma e Canção do Mar por Hilkelia Carlem e Tereza Quintiliano propôs a canção Cinema Paradiso. "Em meio a muitas outras canções, sugestões de pessoas próximas e colaboradores do

Música.

projeto, o repertório foi se definindo e chegou ao formato atual. Essa definição trouxe um conteúdo, que ao traduzir as músicas e ouvir as melodias notamos que as músicas traziam uma forma de comunicação além das palavras, como se fosse possível entrar em outra dimensão", comenta Hilkelia Carlem.

Na visão do grupo, a escolha do repertório representa a liberdade de interpretar músicas de todos os tempos e influências, passando pelas eras da existência da humanidade e ao mesmo tempo vivenciar cada momento com sua singular intensidade. Como se a interpretação dessas canções pudessem se transformar em momentos sublimes para a existência.

Para o ano de 2009, a direção artística caminha na mesma estrada da pesquisa musical que já encantou um público de diferentes gerações e planeja o lançamento do CD de Hilkelia Carlem. Vamos esperar!

Ouçã e assista

<http://www.delicatto.mus.br/>

Informações sobre os componentes:

Hilkelia Carlem (voz soprano) NATAL-RN - Seu canto, sua maior expressão! Formada em canto erudito, coralista e solista do Coral Canto do Povo, amante de Ópera e coro, traz ao palco o lirismo de sua voz e uma marcante interpretação cênica.

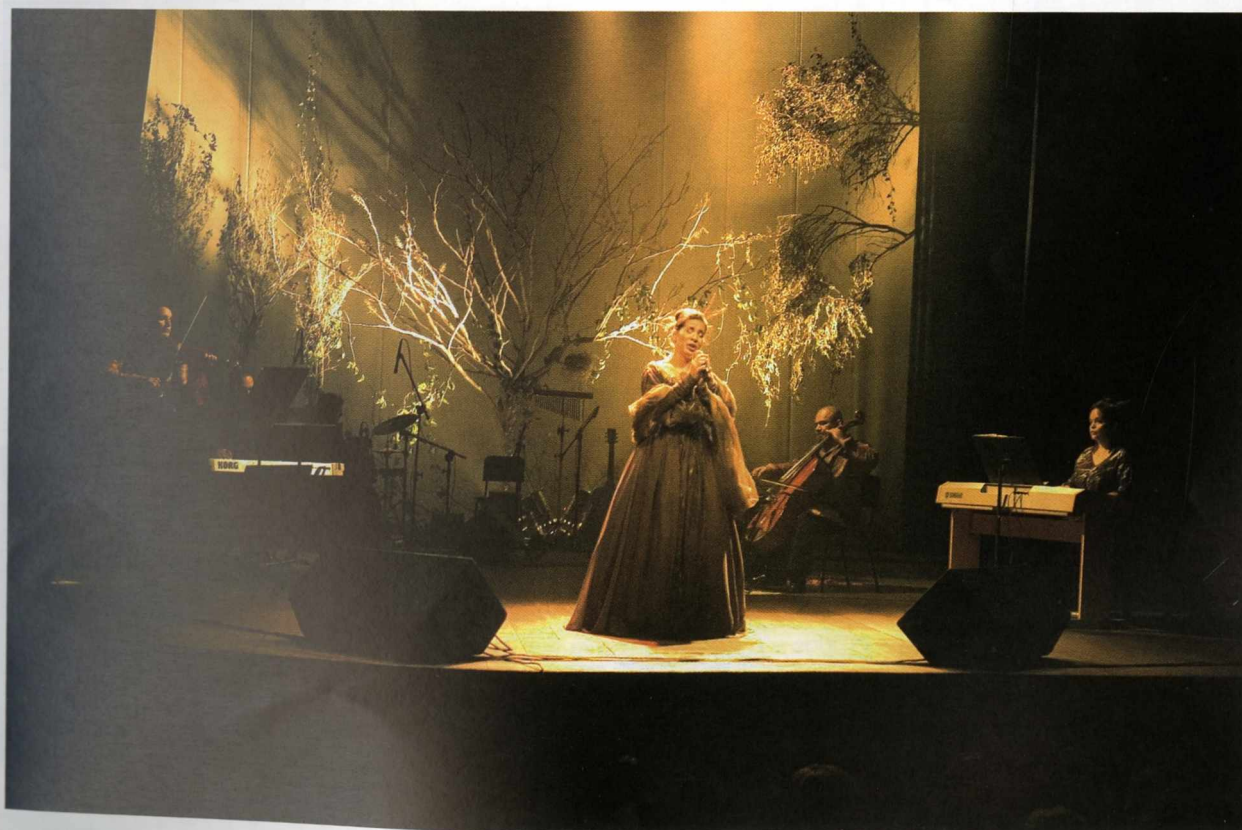
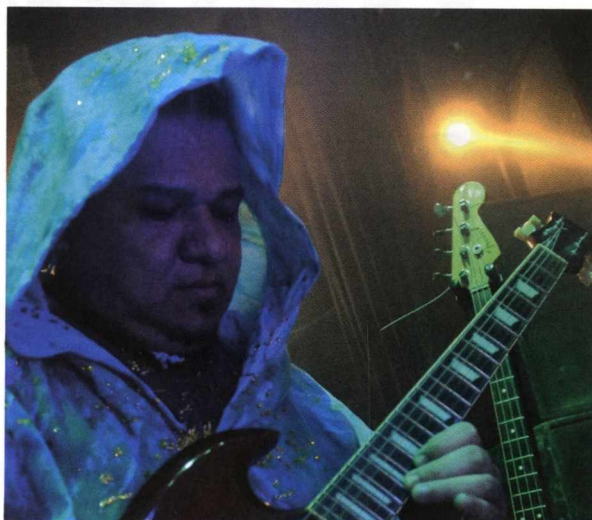
Teresa Quintiliano (piano) NATAL-RN, Pianista e Arte Educadora, toca pelo prazer de realizar a música que aprecia. Identificada com a alma dos cantores, vê na música uma fonte inesgotável de saber, e a cada interpretação a possibilidade de emoções diferentes.

Ailson Saraiva (violoncelo) NATAL-RN, Violoncelista da Orquestra Sinfônica do RN, arranjador, compositor, professor e pesquisador. A música é sua felicidade e é através dela que expressa suas emoções mais sublimes. Tem em suas origens muitas referências artísticas, com destaque para Cirineu Fernandes Campos, conhecido como 'Patativa do Vale do Ceará-Mirim.



Gláucia Santos (violino e coordenação artística) CAICÓ-RN, Violinista da Orquestra Sinfônica do RN, Arte Educadora e Arte Terapeuta em formação. Sua perspectiva é ouvir a música do mundo e ter a possibilidade da leitura dos tempos através de canções. Em seu violino apresenta a música new age junto ao erudito. É bisneta de José Quinino, importante luthier e artesão da região do Seridó.

Para finalizar, um pouco da canção "Nella Fantasia" que deu nome ao primeiro espetáculo: "Na fantasia eu vejo um mundo justo, onde todos vivem em paz e com honestidade, O sonho das almas que são livres..." ■



Mais...

Trabalhando pela cultura do BEM

Por
Flávio Rezende
escritor e jornalista em Natal

Todos nós que estamos encarnados no planeta Terra e até os que vivem em outros ambientes espirituais, seja de baixa ou de alta qualidade vibracional, possuem fortes ligações com a cultura.

Os que produzem e vivem das diversas artes relacionadas ao mundo cultural e os que consomem produtos e serviços afins, sabem da importância da cultura na vida de todos.

Ao longo de toda a vida na Terra a cultura tem moldado comportamentos e inspirado políticas públicas, tendo forte influência sobre praticamente todos os aspectos da vida cotidiana, chegando até mesmo a ser venerada religiosamente e alçar algumas peças artesanalmente buriladas a condições de endeuamento que mostram claramente, a força que a cultura exerce sobre todos os seres existentes.

O artista, o sujeito que sabe pintar um quadro, esculpir uma madeira, escrever livros, dirigir filmes, dançar, encenar ou cantar teve e continua tendo grande poder sobre as massas.

Músicas já chegaram a incendiar multidões e levam torcidas de futebol ao delírio. Quadros são analisados por centenas de anos por especialistas e milhares de pessoas acorrem a museus por ocasiões de exposições especiais.

Alguns livros são lidos e o que contêm vira realidade para tribos urbanas do mundo atual, que passam a se utilizar do vestuário e do linguajar de determinados personagens, numa simbiose interessante e cada vez mais presente.

Como podemos deduzir, a cultura tem poder e, como tal, proporciona a todos que têm o dom de algo, a direcionar esse saber para o bem, para o mal ou para o neutralismo.

É claro que definições do que é o bem e o que é o mal e o que é neutro são bastante relativas e subjetivas, mas em algumas situações, fica mais fácil saber.

Diante do colocado afirmo que podemos utilizar a cultura para o bem-estar da sociedade, produzindo peças teatrais, livros, filmes, músicas, danças e quadros que valorizem os aspectos positivos do homem e que deixem no receptor cultural, valores humanos necessários para uma vida reta e positiva.

**Fotos de ações
realizadas pela Casa
do Bem em Mãe
Luiza – Natal/RN**





Assistimos ontem e hoje, a uma produção cultural altamente negativa, com diversos produtos enaltecendo o suicídio, o aborto, condenando as regras básicas de uma vida social normal, com respeito à individualidade e à coletividade, levando muitos a atos e comportamentos que desrespeitam o equilíbrio entre os diversos segmentos da vida global e a quebra de valores já devidamente testados e aprovados como necessários para nossa sobrevivência humana.

Ontem li sobre um game japonês vendido livremente, onde o personagem estupra pessoas, envolve a família em atos obscenos e uma série de outras barbaridades que todo ser em sã consciência desaprova no ato, mas, que, em nome do respeito à criação, ou seja lá o que for, está aí, sendo utilizado por crianças e pasme, quando o esturpador consegue realizar o ato em plena praça pública, um riso nojento ecoa pelo aparelho.

A PRODUÇÃO CULTURAL QUE INDUZ A COMPORTAMENTOS INADEQUADOS, À QUEBRA DOS VALORES HUMANOS JÁ EXPERIMENTADOS E APROVADOS PELA MAIORIA DA HUMANIDADE, DEVE SER TRATADA COMO LIXO, COMO ESCÓRIA E JOGADA FORA.

Sou a favor da repressão a produtos culturais que promovem o mal e a prisão dos seus autores. Marginal não é só o camarada que rouba uma galinha.

Quem produz um game, um filme, livro, ou seja lá o que for que incentiva o estupro, o suicídio ou a morte, deve ser tratado como transgressor.

Que fique bem claro que muitas coisas negativas podem e devem ser relatadas dentro de obras culturais, como passagens ou enredo de histórias ou estórias, mas quem tem um mínimo de inteligência percebe o que é uma obra cultural com componentes das negatividades da vida e o que é uma obra cultural que leva a condutas indevidas e que devem ser censuradas por uma questão simples: nossa sobrevivência.

Como escritor engajado na produção de livros e textos relativos à cultura do bem, fico torcendo para que as pessoas possam perceber que o lixo cultural do mal, não pode ter espaço entre seres minimamente saudáveis e, conscientes disso, passem a não consumir, denunciar e exigir a prisão para pseudos artísticas que, produzindo e disseminando o mal em suas criações, ajudam sobremaneira a destruição global que, infelizmente, estamos indo sem sentir. ■

**QUEM TEM UM
MÍNIMO DE
INTELIGÊNCIA
PERCEBE O QUE
É UMA OBRA
CULTURAL COM
COMPONENTES
DAS
NEGATIVIDADES
DA VIDA E O
QUE É UMA
OBRA CULTURAL
QUE LEVA A
CONDUTAS
INDEVIDAS E
QUE DEVEM SER
CENSURADAS
POR UMA
QUESTÃO
SIMPLES: NOSSA
SOBREVIVÊNCIA.**



Mais...



Um jeito

Texto vencedor do Prêmio Rubens Lemos de Jornalismo –
categoria universitária

negro
de ser

Fotos e textos

Camila Rodrigues

Moradores de uma comunidade quilombola do interior do Rio Grande do Norte contam como é viver em um quilombo e falam sobre a história dessa comunidade que se orgulha de ser negra

Saindo de Natal, passando por Macaíba e chegando ao município de Bom Jesus é só pedir a informação aos mototaxistas: "por favor, onde fica Capoeiras?". Eles logo irão informar que, pegando uma "estradinha de barro" é só seguir em frente e, após seis quilômetros, você irá chegar a um dos cerca de 40 quilombos mapeados do Rio Grande do Norte. Então, se você seguir em frente, sem desviar o caminho por nenhuma pista adjacente e sair da estrada de barro, chegando a uma rua asfaltada, pode ter certeza de que você está em Capoeiras. Assim que cheguei, fui logo pensando: "uma comunidade quilombola asfaltada e cheia de placas de informação? Não, não deve ser aqui". Sim, mas era Capoeiras mesmo, a grande placa com o nome do quilombo não deixava dúvidas.

QUANDO ESCUTAMOS A PALAVRA "QUILOMBO", É POSSÍVEL PERCEBER QUE ASSOCIAMOS A UM LUGAR ONDE OS NEGROS VIVEM SEM QUALQUER ESTRUTURA, EM CASAS FEITAS DE "PAU-A-PIQUE", SEM ACESSO AOS INSTRUMENTOS DA MODERNIDADE. ISTO ACONTECE DEVIDO À IMAGEM QUE CRIAMOS AO ESTUDAR A HISTÓRIA DO NOSSO PAÍS, QUANDO APRENDEMOS QUE COMUNIDADE QUILOMBOLA ERA UM LUGAR DISTANTE, ONDE OS NEGROS VIVIAM ISOLADOS DO RESTO DO MUNDO. E REALMENTE ERA ASSIM. NO ENTANTO, HOJE EM DIA, QUILOMBO NÃO É MAIS SINÔNIMO DE ISOLAMENTO. EM CAPOEIRAS, POR EXEMPLO, FIQUEI CURIOSA PARA SABER O QUE ERA UMA TORRE QUE VI LOGO NA ENTRADA DA COMUNIDADE.

Até que fui informada que tratava-se de uma torre de telefonia celular. Fui logo percebendo que os moradores de Capoeiras não vivem tão isolados assim. E nem poderiam, pois até mesmo quem não tem telefone celular, pode ligar para todos os lugares do mundo usando qualquer um dos nove orelhões espalhados pelas ruas. Uma parada obrigatória ao chegar ao quilombo é a Associação de Moradores, que fica em uma pequena casa azul do lado esquerdo da pista asfaltada. Lá, é só procurar Seu Manoel Batista dos Santos, 62 anos, presidente da Associação desde 2005. Pois é, mas o difícil mesmo é você conseguir a exclusividade de seu Manoel. Quando cheguei, tive que disputar

Mais...

sua atenção com dois estudantes de Direito, sendo um deles, doutorando em Antropologia pela Universidade Tecnológica Intercontinental do Paraguai. Entretanto, logo percebi que, assim como eu, Oberleide Soares de Carvalho e Diego Fernandes de Menezes, também buscavam informações sobre como é a vida em um quilombo.

A comunidade quilombola de Capoeiras pertence ao município de Macaíba e, segundo Seu Manoel Batista, a história desse pequeno pedaço do Rio Grande do Norte tem aproximadamente 200 anos. Ele conta que tudo começou com a chegada de quatro famílias de negros que estavam fugindo de um engenho. Mas, os moradores não sabem ao certo sobre a verdadeira história do surgimento de Capoeiras. No entanto, não é preciso estudar muito para saber que o lugar já passou por diversas mudanças ao longo do tempo. "No meu tempo não tinha o que tem hoje. Mudou tudo, 'cumade!'. Foi assim que Seu Manoel Pedro de Moura, morador mais velho do quilombo, com 95 anos, se expressou quando questionei sobre o que havia mudado na comunidade de alguns anos para cá. E indaguei ainda se ele sempre morou em Capoeiras. "Oh 'cumade', venha aqui pra mais perto que eu 'tô' ruim das 'oiça', viu?", solicitou Seu Manoel Pedro. Eu obedeci. Me aproximei e repeti a pergunta, gritando um pouco, confesso. "Ave-Maria, fui nascido e criado aqui", respondeu Seu Manoel. É verdade que muita coisa mudou, porém, é impossível deixar de perceber alguns elementos da cultura negra que ainda estão preservados.



Um traço marcante para quem chega a Capoeiras é a vaidade da população feminina. O cuidado maior é com os cabelos. A maioria das mulheres do povoado usa rastafári. "Eu tenho orgulho de ser negra", afirmou Micarla Domélio de Moura, 22 anos e mãe de uma das pessoas mais novas do quilombo, a pequena Carla Liziane, que nasceu no dia 25 de outubro de 2008. Na minha "andança" pela comunidade, outro fato que me chamou a atenção foi a música que os jovens ouviam em suas casas. Enquanto arrumavam os cabelos (fazendo as trancinhas, é claro), duas jovens ouviam rap, ou seja, mais um traço da cultura negra, só que desta vez, dos negros norte-americanos. "Você também gosta de ouvir rap?", indaguei a Maria da Glória, 19 anos. "Não, eu não gosto. Prefiro escutar um 'forrozinho' mesmo", ela prontamente me respondeu. A partir disso, cheguei à conclusão de que é impossível existir uma cultura única, sem a junção de outros elementos, pois os costumes e as tradições vão se misturando nesse mundo "globalizado".

A "forrozeira" Maria da Glória é uma dos sete filhos de Seu Manoel Batista (o presidente da Associação), que está casado pela segunda vez. Ele conta que cada casal de Capoeiras tem, em média, entre cinco e dez filhos. Do primeiro casamento de Seu Manoel, nasceram três filhos: Carlos Alberto, Cláudio e Ana Paula. Já da união com Dona Maria Cícera Baltazar dos Santos, negra do Quilombo do Pavilhão, próximo a Capoeiras, nasceram quatro meninas: Maria da Guia, Maria da Glória, Maria das Graças e... Joana D'arc. "E por que a última também não se chamou Maria?", perguntei. Seu Manoel apenas sorriu. E será que existe alguma regra no Quilombo? Pessoas de fora podem morar na comunidade? Seu Manoel disse que, antigamente, os pais não

NÃO SE SABE AO CERTO QUAL A ÉPOCA. NO BRASIL CHEGOU NO SÉCULO XVI, NA REGIÃO COSTEIRA, ENTRE COMUNIDADES DE PESCADORES. AS RENDEIRAS CEARÁ-MIRINENSES, TODAS ELAS, APRENDERAM COM AS MÃES OU PESSOAS MAIS VELHAS. E NENHUMA DAS MAIS DE DEZ RENDEIRAS DE HOJE – EM MEIA-IDADE – TEM DESCENDENTES INTERESSADOS EM PERPETUAR A TRADIÇÃO.



queriam que os filhos se casassem com pessoas de fora, mas hoje em dia isso não acontece mais. "Agora a gente já vê umas pessoas mais 'clarinhas' por aqui" e apontou para o meu braço. É, mas nas horas em que passei no quilombo, eu não consegui ver ninguém tão "clarinho", como disse Seu Manoel.

Já que nascem tantas crianças em Capoeiras, fiquei curiosa para saber como fazem para estudar. Como é o ensino em um quilombo? Em Capoeiras, existe apenas a Escola Municipal Santa Luzia, onde as crianças começam a estudar a partir dos quatro anos de idade. Ou seja, não há Educação Infantil. Esta escola tem apenas o Ensino Fundamental I (até o quinto ano ou a antiga quarta série). Então, como fazer para concluir os estudos? Ao terminar o 5º ano, as crianças e adolescentes vão estudar em Traíras, comunidade próxima a Capoeiras. E como fazem para chegar lá, já que não percebi a presença de carros na comunidade? Seu Manoel Batista disse que a Prefeitura oferece um "transporte" para levar os alunos. "Mas, às vezes, quando não tem, sai aquele cordão de gente de pé", disse Seu Manoel.

A escola tem nome de santa. E como é a religião em Capoeiras? Quando chegamos ao quilombo, notamos logo duas igrejas evangélicas, uma bem perto da outra. Em Capoeiras, há uma igreja católica e três evangélicas. "Mas a

maioria aqui é católico", disse Seu Manoel. Foi então que insisti na questão da preservação da cultura afro-brasileira e perguntei se ainda havia a prática de alguma religião de origem africana. "Não, não tem nenhuma mais não. Tinha uma mulher que praticava essas coisas, mas ela ficou doente do olho, aí não tem mais não", afirmou Seu Manoel. Continuei insistindo: "mas, ainda há algum traço, alguma dança da cultura afro-brasileira presente aqui em Capoeiras?". E foi então que Seu Manoel se lembrou da dança do "Coco-de-Zambê" ou, como é mais conhecida pelos moradores de Capoeiras, a "Dança do Pau Furado". Ele deu um sorriso meio acanhado e falou: "Alguma coisa é preservada". E isto foi algo que não mudou no quilombo. "Ah, a 'dança do pau furado'? Nunca dancei não, mas ia espiar. Às vezes, já tava lá por fora com uma 'caboquinha' e eles chegavam e 'arrodeavam'. Era uma brincadeira", contou o outro Manoel, Manoel Pedro, de 95 anos.

E foi conversando mais um pouco sobre a cultura e as tradições dos moradores do Quilombo Capoeiras, que descobri que existe um grupo, formado por nove mulheres, que fazem artesanato na forma de "fuxico". "Eu quem comecei a incentivar, não sabe? Sempre fazia quando 'tinha' os panos. Quando não tinha, eu usava retalho mesmo", disse Dona Maria de Lourdes Barbosa das Chagas, a "professora" do grupo. "Ela é quem ensina, quem bota o pessoal pra cima",

Mais...

disse uma das alunas, Maria das Graças Barbosa, se referindo à “professora”. Quando questionei a idade de Maria das Graças, ela foi logo dizendo: “sou novinha, mulher” e soltou um sorriso largo e expressivo. Tudo bem, não quis insistir, mas algum tempo depois ela revelou: “tenho 36 anos”. Inclusive, devo ressaltar que o tempo parece não passar para os negros. Eles mantêm sempre uma aparência muito jovem e uma pele invejável. Mas, vamos voltar ao “fuxico”. Maria das Graças falou que elas não conseguem vender muito, pois as pessoas não dão o valor necessário às peças e sempre acham tudo muito caro. “Quando compram, é difícil de pagar”, disse das Graças, em meio a outro sorriso, dessa vez, um pouco mais contido.

E como sobrevivem os habitantes do Quilombo? Seu Manoel Batista, Presidente da Associação, disse que a maioria trabalha na agricultura, mas algumas pessoas saem de Capoeiras para trabalhar em outras cidades.

“O pessoal aqui trabalha na agricultura. Mas depois que acaba, eles vão para a cidade procurar emprego”, disse Seu Manoel, afirmando que há muita gente trabalhando em Bom Jesus, Macaíba e Natal.

E ainda tem aqueles que viajam para outros estados. Foi o caso de alguns filhos de Seu Manoel Pedro (o morador mais velho). Ele disse que já perdeu até as contas de quantos netos e bisnetos ele tem, pois alguns nasceram em São Paulo e nunca foram a Capoeiras. “Mas o senhor já foi a São Paulo?”, tive a curiosidade de saber. “Fui uma vez pra mais nunca. Ali é ruim demais, não tem sol, só tem frio. Voltei foi com os ‘beijo ferido’ por causa do frio”, disse Seu Manoel, que até hoje traba-

lha na agricultura. Ele falou que seu pai, Pedro Targino de Moura, sempre o levou para o “roçado”.

“É, MAS QUANDO EU ERA MENINO, PEGAVA NO SONO, NÃO TRABALHAVA NÃO. MAS SEMPRE AMANHECIA O DIA NA ENXADA”, CONTOU. ALIÁS, SEU MANOEL PEDRO TALVEZ SEJA O MORADOR DE CAPOEIRAS COM MAIS HISTÓRIAS PARA CONTAR.

Ele disse que escutava sua avó dizendo para o seu avô que, quando a noite chegava, “era para prender as cabritinhas”. “Hoje em dia a gente não vê mais isso, né ‘cumade’? Hoje o ‘caba’ vê sair de noite e não vê a hora que vai chegar. Eu tiro mesmo pelas minhas netas”, disse Seu Manoel, que já foi casado duas vezes (e duas vezes viúvo também). Ele



disse que casou pela primeira vez com 19 anos. "A segunda vez eu não lembro mais não. Parece que eu já tava aposentado. Mas a primeira comida é sempre melhor, né 'cumade'?" Na segunda vez a gente já ta com a barriga cheia" e soltou um sorriso espontâneo, dizendo ainda: "pode botar isso aí", apontando para o papel das minhas anotações. Continuei insistindo sobre as coisas que haviam mudado no quilombo. "Ah, 'cumade', antigamente não tinha igreja não. A missa era rezada numa 'Santa Cruz', que ficava no meio da rua", lembrou Seu Manoel. No entanto, ele continuou insistindo nas mudanças de ordem moral e social. "Cumade", eu não sei nem responder o que foi que mudou. Lá pra trás a gente tinha justiça e era cumprida. Hoje, não é não, viu 'cumade'. Ou você acha que é?". E continuou: "é, 'cumade', é diferente. Muito, muito, muito. E vai piorando. Essa miudeza aí", apontando para algumas crianças, "ainda vai ser pior, ninguém sabe no que vai dar. É 'cumade', pode botar reparo. O povo já dizia que família vira 'mundiça' e vira mesmo". Seu Manoel sente falta dos velhos costumes, como por exemplo, o ato de pedir a bênção dos pais. "Hoje em dia ninguém toma a 'bença'. Os pais não botam mais nem (os filhos) pra rezar", reclamou. Eu ainda perguntei se ele gostava de viver em Capoeiras ou queria sair de lá um dia. Ele respondeu: "É bom demais. Não tem pra onde ir mais. Ou você acha que tem?", e sorriu. "Aqui a gente mora no canto da gente. Esta casa", apontando para a casa dele, "fui eu que construí. Daquele pedaço pra cá", mostrando algumas casas, "é tudo meu", disse com orgulho.

Casa de "Seu" Manoel Batista na comunidade de Capoeiras - Macaíba - RN



Realmente, não é possível prever o futuro das crianças de Capoeiras, mas, se depender de Micarla, sua filha Carla Liziane terá uma vida muito feliz. "Eu desejo pra ela que ela seja muito feliz. Que não se envolva com drogas e que case com uma pessoa que ela goste de verdade", disse Micarla, que também afirmou gostar de viver na comunidade quilombola de Capoeiras. "É ótimo viver aqui", concluiu.

Mais do que um quilombo, Capoeiras é um lugar onde se pode encontrar gente humilde, porém sorridente, espontânea e que vive com alegria e com orgulho de sua cor. Gente solidária. Uns ajudando aos outros. Vi pessoas construindo casas, cortando cabelos e fazendo penteados uns nos outros. Vi os sorrisos sinceros de um povo que tem orgulho de sua história. Não tive receio de chamá-los de "negros", pois é exatamente isso o que eles são e não têm vergonha de assumir a sua raça. Vi negros com orgulho de serem chamados de negros. E, saindo do Quilombo Capoeiras, fui deixando as 286 famílias, o asfalto, as Marias, os Manoéis e as várias histórias para trás. Voltei à estrada de barro e à minha realidade egoísta, de quem não lembra o passado do meu povo e do meu país. ■